

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES VISUAIS
TERMINALIDADE EM ENSINO E PERCURSOS POÉTICOS



SENTIDOS DO FAZER COLETIVO:
BORDANDO SIGNIFICADOS

Dalva Maria Oliveira Lopes

Pelotas, 2014

DALVA MARIA OLIVEIRA LOPES

**SENTIDOS DO FAZER COLETIVO:
BORDANDO SIGNIFICADOS**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Especialização em Artes Visuais - Terminalidade em Ensino e Percursos Poéticos, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial e último para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Me. Paulo Renato Viegas Damé

Pelotas, 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Me. Paulo Renato Viegas Damé (Orientador - UFPel)

Prof. Dr. João Carlos Machado (UFPel)

Prof^a. Ma. Helene Gomes Sacco Carbone (UFPel)

Prof^a Dr^a. Maria de Lourdes Valente Reyes (Convidada)

Dedico este trabalho à minha mãe, Armi Maria Oliveira Lopes (*in memoriam*), por ser uma grande incentivadora de meus estudos, mostrando o valor que têm os conhecimentos na vida de uma pessoa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, Aldino e Estéfano, por todo o apoio que recebi.

Ao professor Paulo Damé pela acolhida no Atelier de Cerâmica e por sua disponibilidade em me orientar.

À professora Maria de Lourdes Valente Reyes, pelo incentivo em iniciar este trabalho e pela constante colaboração.

Aos professores João Carlos Machado e Helene Sacco, pela pronta aceitação em fazer parte da banca.

À professora Larissa Patron, pelas preciosas sugestões metodológicas.

À amiga Adriani Araujo, pelas importantes discussões que auxiliaram na execução do trabalho.

À amiga Lia Suzana Vergara por planejar a montagem da colcha e dividir comigo a costura das capas da monografia.

Às pessoas que participam de cursos e grupos de convivência na Central da Costura, Stella Arts, na Catedral do Redentor, no MAPP (Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas) e no Centro de Artes, pelo interesse e disponibilidade em bordar os quadrados.

À Maria Manuela Farias Regis e Juliano Petitot, pela constante colaboração no uso das tecnologias e documentação fotográfica.

Ao *Facebook*, por ser uma rede de comunicação que tem o mérito de colocar em contato tantas pessoas para desenvolver os mais variados projetos.

A arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.23).

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade fazer uma reflexão acerca dos sentidos do fazer na vida das pessoas, e assim, confeccionar uma colcha de palavras que explicitem os sentidos do fazer por meio de ações relacionais. Terá como artista referencial Arthur Bispo do Rosário, que foi um hábil artesão no bordado da palavra e por seu teor manual e plástico está presente nesta trajetória reflexiva em cruzamento com minha poética. Para a fundamentação teórica apresento autores como: Rubem Alves, Francisco Duarte Jr., Michel Maffesoli, Richard Sennett e Nicolas Bourriaud. Com eles, tramo pensamentos acerca de questões que tangem o fazer coletivo e que potencializam os significados a partir do uso da palavra.

Palavras-Chave: Bordado; Palavra; Estética relacional; Arte têxtil; Colaborativo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Pergunta bordada</i> , 2014. 80 x 80 cm. Foto: Juliano Petitot.....	12
Figura 2: <i>Bilhete Explicativo</i> , 2013. Banner digital.....	13
Figura 3: <i>Encontro Palavras Bordadas</i> , 2013. Registro do primeiro encontro. Centro de Artes.....	14
Figura 4: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	21
Figura 5: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	25
Figura 6: <i>Encontro Palavras Bordadas</i> , 2013. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	27
Figura 7: <i>Detalhe da Colcha de Palavras</i> , 2014. Foto: Dalva Lopes.....	29
Figura 8: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	32
Figura 9: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	34
Figura 10: <i>Encontro Palavras Bordadas</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	37
Figura 11: <i>Detalhe Colcha de Palavras</i> , 2014. Foto: Dalva Lopes.....	40
Figura 12: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	42
Figura 13: <i>Quadrado Bordado – Ideologia</i> , 2014. Tecido e linha. 40x40cm. Foto: Juliano Petitot.....	44
Figura 14: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	46
Figura 15: <i>Encontro Palavras Bordadas</i> , 2014. Centro de Artes.....	49
Figura 16: <i>Detalhe das linhas</i> , 2014. Foto: Dalva Lopes.....	51
Figura 17: <i>Detalhe Colcha de Palavras</i> , 2014. Foto: Dalva Lopes.....	54
Figura 18: <i>Manto de apresentação</i> , s/d. Arthur Bispo do Rosário. Objeto têxtil. Tecido algodão, tecido lã, linha, papelão e metal. 118,5 x 141,2 cm.....	55

Figura 19: <i>Quadrados Bordados</i> , 2014. Tecidos e linhas. 40x40cm cada. Foto: Juliano Petitot.....	58
Figura 20: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	59
Figura 21: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	60
Figura 22: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	60
Figura 23: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	61
Figura 24: <i>A Colcha Bordada</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	62
Figura 25: <i>Evento Costurando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	64
Figura 26: <i>Detalhe da Colha de Palavras</i> , 2014. Foto: Dalva Lopes.....	67
Figura 27: <i>Público Observando a Colcha de Palavras</i> , 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.....	68

SUMÁRIO

PRIMEIROS PONTOS - APRESENTAÇÃO DE UM PERCURSO.....	11
1. TRAJETÓRIA DA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO: UM RELATO.....	16
2. CONVERSANDO COM OS AUTORES.....	21
3. ENVOLVIMENTO COM OS TECIDOS, TRAMAS E FIOS.....	52
3.1 ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: A POÉTICA DA LUCIDEZ.....	52
3.1.1 BORDADOS	54
3.2 A COLCHA DE RETALHOS PRONUNCIA A PALAVRA DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	58
CONCLUSÕES.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
ANEXOS.....	74

PRIMEIROS PONTOS - APRESENTAÇÃO DE UM PERCURSO

O presente trabalho, de Especialização em Ensino e Percursos poéticos, tem como finalidade compreender de que forma o fazer artesanal e coletivo pode ser pensado, pela prática do bordado, como um produtor de sentidos que reverbere em uma reflexão conjunta entre arte, artesanato e "manualidades"¹.

Uma vez que não tinha o interesse de fazer um confronto entre os dois temas, decidi estudar os significados do fazer, tanto na arte como no artesanato, para as pessoas que os praticavam.

A curiosidade e envolvimento com esse tema decorrem da minha participação em grupos de atividades artesanais e criativas, a partir de minha aposentadoria. Durante o exercício da profissão, já sentia a necessidade de ter tempo para praticar atividades que rompessem com um cotidiano repetitivo, fato que ocorreu após um período de vinte e sete anos como professora na rede estadual de ensino.

Deste tempo, dedicado especialmente à alfabetização, tive a oportunidade de ensinar Educação Artística para o Ensino Fundamental. Durante as práticas da alfabetização, sempre era possível inventar atividades dinâmicas e bem criativas, proporcionando momentos de trocas, tanto para os alunos quanto para o professor.

Foi, portanto, nessas ações em grupo, que, desenvolvendo trabalhos em lojas e associações, pude perceber o quanto as pessoas dedicadas a esta prática eram beneficiadas pela atividade artesanal e pela troca de conhecimentos com o outro.

O que me motivou a cursar a Especialização em Artes, para descobrir o que essas pessoas sentem e vivenciam em suas atividades artesanais ou artísticas. Para isso, desenvolvo a presente proposta de pesquisa e produção que pretendo questionar sobre: *Qual é o sentido de fazer arte/artesanato para a tua vida?*

¹ Qualidade ou caráter de manual; Habilidade de movimento com as mãos; capacidade de manusear, representar situações, executar tarefas com as mãos.

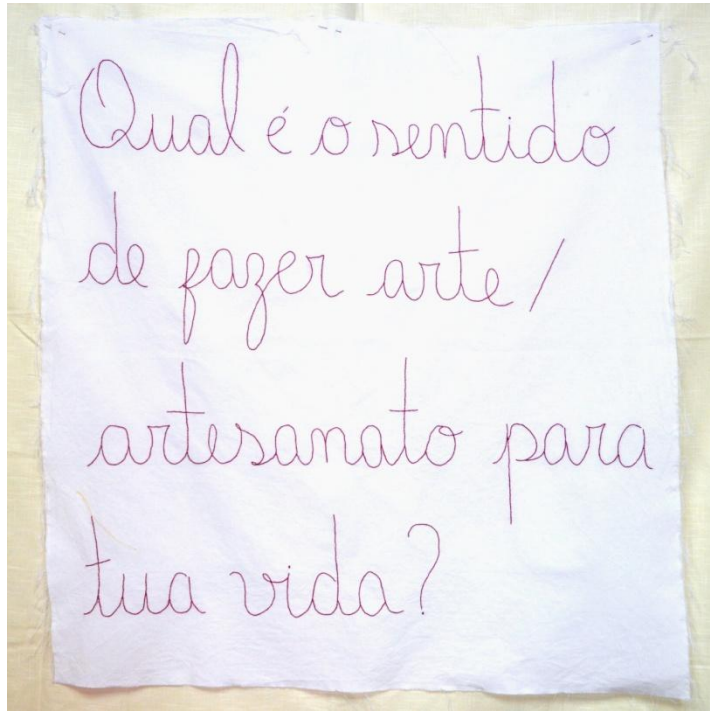


Figura 1: *Pergunta bordada*, 2014. 80 x 80 cm.
Foto: Juliano Petitot.

A proposta foi desenvolvida por pessoas convidadas e orientadas por mim a realizar o trabalho na linguagem do bordado. Cada pessoa deveria bordar sua resposta, por meio de uma palavra - a sua escolha -, em um tecido de tamanho 40 x 40 cm e, após, assinar. No momento da entrega, a pessoa era solicitada a dizer uma frase que tinha por objetivo situar o pensamento desta acerca do sentido particular de sua palavra, justificando-a.

No entanto, o processo não foi tão fácil assim, pois muitas pessoas relutaram diante da proposta de entregar apenas uma palavra bordada e insistiam na possibilidade de “enfeitar”. Diziam: *“Mas não posso colocar nem um fuxiquinho?”*.

Diante das resistências, deixei livre o uso de outros elementos que entrariam no bordado, como tipos de tecidos, fios e cores. Todos os materiais que as pessoas decidissem usar para confeccionar o quadrado seriam prova do exercício de autonomia e criatividade individual.

Quando pensei na análise dessas palavras e no conjunto formado por elas na colcha, me deparei com a escassez de recursos para dialogar com as mesmas. Precisei solicitar novamente para as pessoas que, a partir do bordado, elas elaborassem uma frase, para situar a palavra no contexto de sua experiência particular. Essa frase seria mais um elemento para ajudar na reflexão do que propriamente uma definição. Esse cuidado teve como objetivo não o de realizar uma

interpretação invasiva da palavra bordada, uma vez que as palavras, esse signo maravilhoso de nomear as coisas do mundo, podem ser traiçoeiras. Suas significações são amplas, por vezes escorregadias, o que aumenta mais seus encantos e suas armadilhas. A pergunta, então, foi colocada em pequenos bilhetes, com explicações sobre as medidas e a solicitação de assinatura do trabalho, como mostra a imagem a seguir:

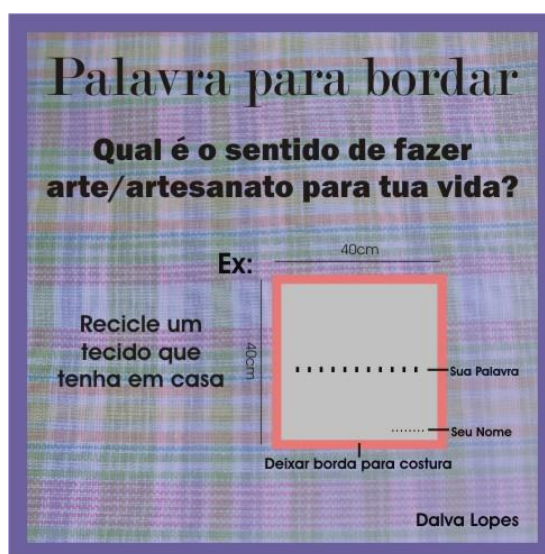


Figura 2: *Bilhete Explicativo*, 2013.
Banner digital.

A forma de abordagem e distribuição dos convites foi um momento delicado da pesquisa, porque não é fácil encorajar pessoas ocupadas a dispor de um tempo para participar do trabalho. O argumento que mais encantou as pessoas foi a ideia de ajudar a criar uma grande colcha coletiva. Nessas pequenas ações, vamos convencendo os membros da comunidade da importância de ações colaborativas, visto que elas quebram o isolamento e ajudam a neutralizar o individualismo.

Cerca de cento e cinquenta bilhetes foram distribuídos pessoalmente, por meio de amigos e em diversos grupos onde são realizados cursos artesanais e trabalhos voluntários. O íntimo convívio com os estudantes e professores do Centro de Artes facilitou sobremaneira o desenvolvimento do trabalho. Foram aproveitadas as diversas atividades e exposições do Centro de Artes, museus e galerias, para divulgar a proposta.

Para facilitar a participação dos amigos que não dominavam a técnica do bordado, foram realizadas duas ações-performances, no Centro de Artes.



Figura 3: *Encontro Palavras Bordadas*, 2013. Registro do primeiro encontro. Centro de Artes.

Na ocasião, foi distribuído material e desenvolveram-se atividades coletivas de ensinar e aprender a bordar. Outras pessoas iam, espontaneamente, em minha casa, para receber material, aprender os pontos e bordar o quadrado.

Outra forma de solicitar a confecção do quadrado bordado foi o uso das redes sociais, principalmente o *Facebook*. Por meio desta rede de informações, fui marcando a visita às exposições de Arte e, assim, aproveitando a ocasião do encontro para solicitar a participação na pesquisa.

Cada participante confeccionou um quadrado com sua palavra bordada, com tal forma para facilitar no momento de juntar as partes para a feitura da colcha final, mas por que o quadrado?

Particpei do grupo de *Arte Têxtil*, organizado a partir da disciplina de mesmo nome, da professora Maria de Lourdes Reyes, em que se produziu um trabalho coletivo denominado: *Mulheres ao Quadrado*. Como na arte nada é determinado, talvez a ideia tenha surgido dessa influência e vivência.

Após recolher as palavras bordadas, desenvolvi a segunda parte do trabalho, que se destina a unir cada quadrado bordado em uma técnica conhecida

por juntar pedaços de retalhos com costura, o qual se chama *patchwork*. Este meio, também artesanal, serviu para confeccionar uma colcha a partir dos bordados individuais que fazem parte do mosaico coletivo, apontando o sentido que têm esses fazeres para os envolvidos na atividade. A colcha foi disposta no parapeito do mezanino, localizado no segundo andar do Centro de Artes da UFPel, para que seu suave volume se deslocasse em direção ao vão do saguão térreo.

Costurar o sentido das palavras bordadas, interligando-as com a teoria dos autores, será um dos propósitos deste trabalho. Assim como, A reflexão, aproximando a teoria e a prática da delicada tarefa de propor, recolher e alinhar os dados coletados.

Os elementos têxteis, os bordados e as práticas colaborativas aconteceram de forma quase espontânea ao longo da pesquisa. Minhas primeiras preocupações partiram das relações entre arte, design e artesanato, mas reconhecendo que o tema era muito amplo, o limitei para arte e artesanato. Neste caso, a arte como produto final: colcha e prática colaborativa; e o artesanato como o meio de alcançar o fim: o bordado e as relações.

No decorrer da pesquisa, percebi que a questão era novamente ampliada para: *o sentido do fazer*. Para isso, apresento a seguir como o trabalho está estruturado a partir dos seguintes capítulos:

1) **Trajetória da experiência em Educação: um relato** - nesse capítulo apresento a minha história como professora e meu interesse por ensinar e aprender, fato esse, que me conduziu para o campo do magistério.

2) **Conversando com os autores:** nesse capítulo apreendo o pensamento dos autores e o articulo às reflexões do tema da pesquisa.

3) **Envolvimento com os tecidos, tramas e fios:** neste capítulo descrevo o trabalho de Arthur Bispo do Rosário, focando nos aspectos têxteis, os quais relaciono com a prática do bordado em minha pesquisa. É o momento em que a colcha de palavra está alinhavada, costurada e estruturada. Trago, ainda, um relato dos acontecimentos que envolveram a costura da colcha e, a partir destes relatos, aponto possíveis sentidos das palavras bordadas pelos participantes.

1. TRAJETÓRIA DA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO: UM RELATO

Este trabalho tem sua origem nas minhas preocupações com a inserção dos aposentados no mundo social, cultural e educacional. Quando da minha própria aposentadoria, decidi mergulhar profundamente nos ambientes sociais e educacionais nos quais se aprende a fazer algum trabalho manual, trocam-se experiências e compartilham-se as vicissitudes do cotidiano.

Contudo, essa história de encantamento pelo ensinar e aprender remonta aos tempos da minha infância, na zona rural, onde, com quatro anos, decidi ir para a escola. Na época, as crianças iam apenas quando completavam sete anos de idade e meu pedido pareceu bastante incomum. Diante de minha insistência, a professora, que era vizinha, decidiu aceitar. Então passei a frequentar a escola, fazendo atividades recreativas como participar das brincadeiras de roda, aprender poesia para declamar nas festividades e “desenhar letras”. Como não havia possibilidade de comprar caderno, minha mãe pegou papel de embrulho, desamassou com ferro de passar roupa e fez um bloquinho. Arrumou outros materiais precários e permitiu que as vizinhas me levassem e trouxessem todos os dias da escola. Lembro que gostava de fazer letras bem redondinhas que a professora muito elogiava. Talvez, pela pouca idade, ela considerasse meu desempenho excelente.

Minha vida escolar foi bem irregular, pois cursei três vezes a primeira série, visto que, minha mãe se mudava em função do trabalho e não sabia que tinha que providenciar a transferência. Sem documentos, a nova escola sempre sugeria que repetisse a primeira série. Após três anos, ninguém se preocupava mais comigo e eu ficava lendo e fazendo atividades diversas, já que a professora precisava alfabetizar outros alunos.

A partir da quinta série minha vida escolar passou a ser regular, mas sofria com a área das exatas, a Matemática, principalmente. Já no Ensino Médio, quando cursei magistério, passei a lutar com a Física e a Química. Mas, fora isso, adorava estudar. Costumávamos fazer muitos estudos em grupo, nos quais um ensinava o outro. Já no Ensino Médio, a professora de Química nos dava aulas particulares gratuitas em sua própria casa.

Nunca pensei em uma vida em que o ensinar e aprender não estivessem sempre presentes. Para mim, a lei da vida é mover-se para frente, para o desbravamento do mundo.

Eu queria ser jornalista, mas a minha tutora legal queria que eu fizesse magistério, por ser uma profissão feminina e para conseguir logo um emprego que garantisse meu sustento. Cursei o magistério, pensando em prestar o vestibular para jornalismo assim que tivesse independência financeira. Mas nesse tempo ela não descuidou do meu preparo para me tornar uma boa dona de casa e providenciava cursinhos de corte e costura, culinária e bordado, dos quais eu participava, porque gostava de aprender.

Quando concluí o magistério, fiz estágio com a quarta série do Ensino Fundamental e gostei imensamente do exercício da profissão, mas o que me fez desistir da profissão de jornalista foi uma cena que vi, em pleno regime militar, em que uma profissional foi agredida por políticos e seus seguranças em Brasília.

Depois do estágio, vim para Pelotas para trabalhar e cursar a faculdade. Realizei serviços de escritório por um ano até conquistar um contrato para lecionar. Para conseguir um desses contratos, entrei discretamente na Secretaria de Educação, e como não tinha assessores para fazer a burocracia e evitar minha entrada, fiquei de frente com a própria secretária. Ela levou um susto, me repreendeu e perguntou como havia chegado até ali. Eu respondi que havia tomado a liberdade de ir entrando no gabinete por não haver ninguém para autorizar meu ingresso, e que precisava muito lhe falar. Contei-lhe da minha imensa vontade de ser professora, que considerava as atividades do escritório enfadonhas e estava me transformando numa funcionária ineficiente, por isso eu precisava muito ser educadora. Ela ouviu todos os meus argumentos com a maior atenção e os aceitou. Dessa forma, ficou de ligar assim que surgisse uma vaga. Para evitar ficar esperando uma vida toda, combinei que ela me ligasse, nem que fosse pra dizer que não havia possibilidade naquele momento. Disse que eu aguardaria o telefonema todos os dias. Dentro de uma semana ela ligou e comecei a trabalhar na rede municipal e, posteriormente, em uma escola da rede estadual de ensino.

Devido a problemas de horários, permaneci lecionando somente na rede estadual, onde trabalhei com a terceira série durante três anos, depois fui para o ensino de jovens e adultos por mais algum tempo. Devido ao plano de

reorganização dos professores na rede, fui designada para uma escola na qual trabalhei vinte anos com alfabetização de crianças.

Nessa época, fiz um curso de artes, com a professora Miriam Anselmo, o professor José Luiz de Pellegrin e a professora Neiva Maria Fonseca Bohns. Fiquei tão encantada com o curso que resolvi fazer vestibular para Educação Artística, mas ao final do curso já estava muito inclinada a migrar para a Faculdade de Educação – FaE/UFPel. Gostava muito dos teóricos da Educação e, nessa área, havia uma enorme produção, com uma profusão de livros publicados. Considerei que esse seria um espaço fértil para continuar os estudos, logo, participei da seleção para a especialização em Educação, mas reprovei na entrevista.

Entre num grupo de estudos da FaE e, no ano seguinte, então, passei na seleção para a especialização. Alguns anos depois, cursei o Mestrado em Educação, também na FaE. Mas o que me moveu todos esses anos foi minha paixão por aprender e ensinar, pois, desde os quatro anos, eu praticamente não saí da escola. Após a conclusão do mestrado ainda trabalhei vários anos com alfabetização, artes e ensino religioso. Ao completar 27 anos de exercício na rede estadual de ensino, solicitei então minha aposentadoria.

O que representa a aposentadoria na vida das pessoas? A resposta parece simples, pois significa a interrupção do trabalho, mas é neste momento que a pessoa fica à mercê de um imenso tempo livre e, muitas vezes, não sabe o que fazer com ele, acostumados a uma rotina de trabalho (sendo que, nos fins de semanas e nas férias, temos de organizar nossa vida em outros parâmetros).

O trabalho absorve muito das forças dos indivíduos, deixando-os praticamente esgotados para assumir outras atividades. Tendo vivido um cotidiano empobrecido de experiências, o ser humano muitas vezes encara a aposentadoria como um imenso vazio. O hábito o coloca numa camisa de força que o aliena da capacidade criativa e inventiva. E esse tempo livre pode transformar-se numa oportunidade de alto investimento social. É preciso saber o que fazer com o tempo de liberdade. O que fazer com o tempo?

Somos seres sociais, mas vivemos numa época de profundo individualismo. A maioria de nossos contatos sociais é mediada por ações do trabalho. Se não trabalhamos, reduzimos nossos contatos cotidianos, mas podemos articular outros encontros produtivos, criativos e que promovam trocas de muitas realizações.

A sociedade já está mobilizada, de certa maneira, para acolher os idosos e promover atividades ocupacionais que os insiram nas ações coletivas. Mesmo assim, temos de ficar atentos para que essas atividades sejam para promover o crescimento intelectual e emocional dos indivíduos e não submetê-los à divertimentos caricatos e de natureza depreciativa.

Quando estamos na idade produtiva, atrelados ao mundo do trabalho, dedicamos um tempo enorme às nossas ocupações remuneradas. Não nos permitimos um tempo para pensar, refletir, ousar. Não temos tempo para visitar os amigos, fazer exercícios físicos, cuidar da nossa alimentação, viajar, aprender uma nova atividade. Somos anestesiados pelo ritmo do cotidiano da instituição na qual trabalhamos. Isso produz uma massificação dos comportamentos que acaba por matar a criatividade, transformando multidões em seres padronizados. Desse modo, nos tornamos totalmente previsíveis.

Entretanto o que fazemos com o tempo livre? Se nosso vazio é imenso e não nos adaptamos com a ruptura, podemos voltar novamente a trabalhar com horários, metas e atividades a cumprir. Podemos voltar a exercer a mesma função ou alguma outra que tenhamos razoáveis condições de desempenhar, mas estou imaginando as atividades do tempo livre e como essas poderiam ser de fato promotoras de crescimento, prazer, alegria e desenvolvimento humano, social e cultural.

Sendo assim, então pensei em aproveitar a experiência que adquiri participando dos diversos grupos que funcionam na cidade, promovendo encontros de aprendizados diversos. Muitas pessoas ocupam-se com a prática do artesanato e das manualidades. Outras fazem cursos diferentes: para aprender uma língua estrangeira, a usar as novas tecnologias, a cuidar dos males da terceira idade. Uns voltam a frequentar a universidade ou iniciam pela primeira vez um curso superior. São muitos os grupos de atividades, não sendo possível enumerá-los neste trabalho. Um mapeamento de todas as modalidades que se espalham pela cidade, fugiria ao âmbito desta pesquisa. Dessa forma, penso apenas em abordar os que trabalham com arte, artesanato e manualidades.

Não entendo a aposentadoria como uma ruptura com o fazer e manter-se ativo e nem acredito que tenhamos que esperar por esse momento para fazer algo criativo e que nos dê prazer. Então seria interessante nos prepararmos para a interrupção do trabalho, desde sempre, pois, durante nossa atividade produtiva,

podemos ir praticando pequenos gestos que enriqueçam nosso cotidiano, inclusive tornando o desempenho das nossas atividades de labor mais alegres e inventivas.

2. CONVERSANDO COM OS AUTORES

Considerando que este é um trabalho eminentemente coletivo e que visa narrar os sentimentos de quem faz, foi necessário ir em busca de autores que abordassem este fenômeno. Vários autores oferecem o aporte teórico para tentar entender os múltiplos sentires que estão presentes no ato de fazer os objetos, mostrando quais são as motivações que levam as pessoas a se reunirem para produzir coletivamente. O trabalho ocupa grande parte da vida das pessoas e seu fazer está relacionado, muitas vezes, apenas às suas funções remuneradas. Estariam às pessoas procurando outros sentidos para seus fazeres que extrapolem as questões financeiras? Será que, para ter prazer, precisamos interromper nossa faina diária, para buscar, nessas brechas de descanso, algo que nos faça sentido?



Figura 4: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014.*
Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.

O autor João Francisco Duarte Jr. faz uma ampla explanação dos motivos pelos quais chegamos à contemporaneidade com nossos sentidos anestesiados. Ele

discorre sobre a estética, no sentido de *aisthesis*. Para o autor, é a “*aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.13). No entanto, vivemos em um mundo regulado por questões econômicas, culturais e sociais, que é o que nos divide, tornando difícil desenvolver a estesia².

O mundo contemporâneo é marcado pelo consumo exacerbado de bens materiais, muitas vezes desnecessários, que nos são oferecidos como potenciais facilitadores de nossa felicidade. Quando os indivíduos não têm os recursos econômicos para adquirir esses bens, deprimem-se, num profundo sentimento de desconforto e inadequação. A expansão do consumismo foi, de certa forma, facilitada pelo avanço da globalização, padronizando os gostos, costumes e hábitos culturais dos povos.

Se por um lado somos assediados para o consumo de artigos bonitos e da moda, por outro, vivemos em cidades cada vez mais feias e degradadas pelo uso inadequado de seus espaços. Movimentamos-nos na cidade e temos cada vez menos lugares aconchegantes com prédios e casas bem cuidados e espaços ajardinados. Privados de conviver com elementos da natureza, vamos perdendo a capacidade de apreciar o canto dos pássaros, admirar a beleza de um céu estrelado, sentir o perfume de uma flor.

Duarte Júnior alerta para a crescente perda de nossa capacidade de sentir as coisas que se apresentam nas atividades do cotidiano, tais como caminhar, conversar, morar, tocar, comer, cheirar, ouvir, ver.

Nossas casas não expressam mais afeto e aconchego, temerosa e apressadamente nossos passos cruzam os perigosos espaços de cidades poluídas, nossas conversas são estritamente profissionais e, na maioria das vezes, mediadas por equipamentos eletrônicos, nossa alimentação, feita às pressas e de modo automático, entope-nos de alimentos insossos, contaminados e modificados industrialmente, nossas mãos já não manipulam elementos da natureza, espigões de concreto ocultam horizontes, os odores que comumente sentimos provêm do cano de descarga automotivos, chaminés de fábricas e depósitos de lixo, e, em meio a isso tudo, trabalhamos de maneira mecânica e desprazerosa até o estresse (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.18).

² Percepção de sensações; sensibilidade; Capacidade de perceber, de experimentar o sentimento da beleza.

Muitas vezes, adoecemos. Desenvolvemos doenças físicas e mentais. Nosso corpo, que é a casa do saber, entra em colapso e passa a não funcionar adequadamente, pois se diminuimos nossa capacidade de sentir, anulamos um mecanismo de alerta que nos ajuda a prevenir dos males que podem acometer nosso corpo. Assim, nossa mente, atormentada de tanto sofrimento, entra em desequilíbrio. Então temos o médico para tratar o corpo e o psiquiatra ou o psicólogo para cuidar da mente. É a concretização da divisão cartesiana entre matéria e mente, instituída por Descartes, na célebre afirmação: “*Penso, logo existo*”. A vida, de forma integrada com mente e corpo em harmonia, vai sofrendo crises que nos colocam em conflito e, conseqüentemente, promovem a diminuição de nossa capacidade de sentir.

Para restabelecer nosso contato com o mundo sensível, Duarte Júnior nos convida a usar a arte, não no sentido das formas estabelecidas de consumo em galerias e museus, mas a arte enquanto uma experiência estética:

A arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando os nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.23).

Nossas cidades produzem espaços de moradia que, por vezes, insalubres e pequenos, não nos permitem usufruir do aconchego e dos prazeres que podem proporcionar o convívio do lar. Há uma fragmentação e segregação na organização e distribuição dos espaços das moradias. Grandes conjuntos habitacionais ou luxuosos condomínios fechados são o exemplo da divisão e do *apartheid* social. Nestes condomínios, se constrói um estilo de vida e modos de ser e viver que ignoram o conjunto dos grupos sociais. Nessas ilhas artificiais, os filhos crescem com o afastamento dos conflitos e embates que se criam e desenvolvem no ambiente social. Nos conjuntos habitacionais reservados às classes populares também se deterioram as relações entre as vizinhanças devido à falta de privacidade, aos ruídos desrespeitosos e hábitos que não se harmonizam com a vida compartilhada. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.81).

Morar é abrigar o corpo e dar a ele o conforto necessário de alegria, paz e repouso que lhe permitam restaurar as energias para prosseguir nas tarefas do

cotidiano. Sendo assim, percebe-se que muitas casas são fatores de desagregação e produtoras de estresse e doenças.

Considerando que caminhar faz parte de nossos deslocamentos pela cidade, e esta não nos oferece ruas seguras, nem parques equipados e bem planejados, é de se constatar que acabamos por evitar esse ato tão natural e necessário para nossos afazeres e lazer. Caminhar e deixar os sentidos em alerta nos permite ver o ambiente, sentir seus odores e ouvir seus sons. Uma caminhada por locais aprazíveis poderia ser um fator de promoção da saúde, desenvolvendo nossos sentidos, nos conectando com um espaço acolhedor. Penso que essa seria uma alternativa para restaurarmos e mantemos nosso ser, de forma mais integral e saudável.

Uma vez que a cidade encontra-se com seus espaços degradados, expondo ambientes sujos, mal cheirosos, barulhentos e poluídos, nossos sentidos ficam embrutecidos e anestesiados.

Precisamos ter uma cidade com praças, parques, ruas ajardinadas e bem cuidadas para que possamos afilar nossos sentidos e usufruir dos benefícios de um lugar aprazível.

Uma cidade com parques e praças atrai os pássaros que podem nos brindar com seus cantos e sua beleza, e o convívio com a natureza nos aproxima da nossa condição humana.

Conversar é uma das nossas práticas humanas mais importantes, pois através delas trocamos informações, expressamos nossos pensamentos e demonstramos afeto. Porém, conversar e caminhar numa cidade mal cuidada é um problema e, em nossas casas, nem sempre é possível conversar devido às inúmeras interferências, principalmente da televisão. Quem de fato conversa em muitos lares são os personagens das novelas e passam esses espectadores a deslocarem-se de suas vidas pessoais para a vida imaginária dos personagens que os artistas representam. De tão envolvidos com a trama da novela, esquecem que se esvai nesse exato momento o enredo de suas vidas. O convívio comunitário em diversas atividades que envolvessem as pessoas seria um antídoto contra esse deslocamento. Afazeres esses que permitiriam às pessoas retomar o protagonismo de suas próprias vidas.

Dentre os fatores que estamos envolvidos em nossas tarefas cotidianas o trabalho é um dos mais importantes. Depois do advento da industrialização, que

suplantou o trabalho artesanal, as condições físicas dos trabalhadores passaram a ser bastante reguladas pela máquina. O corpo humano passou a compor as engrenagens da máquina, por vezes executando ações repetitivas que o afastavam de sua humanidade. Ao repetir um gesto que servirá de auxílio para a fabricação de uma peça, que contribuirá na produção de um objeto maior, o homem perde o contato com a totalidade do bem confeccionado. Não domina mais o conjunto das ações que poderiam servir na confecção dos produtos. No gesto repetitivo é impossível a pretensão criativa. O trabalhador, dessa forma, vai perdendo a habilidade de criar.

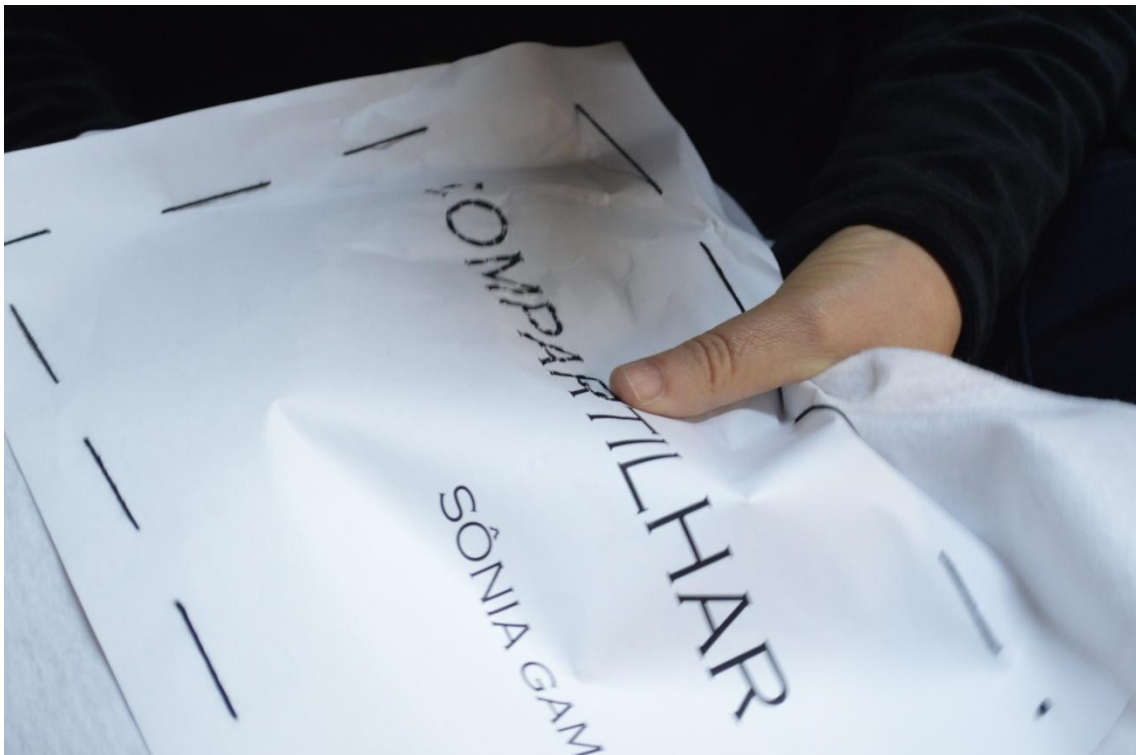


Figura 5: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014 Centro de Artes.*
Foto: Juliano Petitot.

A satisfação que um trabalho criativo pode proporcionar é negada para os indivíduos que apenas desempenham funções mecanizadas. No caso do trabalho dos artistas, de natureza eminentemente criativa, há um domínio da totalidade da obra a ser executada. E tal obra, quando apresentada ao público, é geradora de prazer estético, induzindo as pessoas, em geral, a considerarem que foi feita sem nenhum esforço. Essa impressão talvez se deva ao fato de que o trabalho é quase sempre considerado cansativo e sacrificante.

Assim, a maioria de nós está submetida a um regime de desempenho de função muito mais que uma verdadeira situação de trabalho, na medida em que executamos tarefas pré-determinadas e mecânicas ao longo dos dias, umas após as outras. A criatividade e a satisfação advinda de um verdadeiro empenho profissional encontram-se afastadas de nosso labor. Mecanicamente, seguimos a nos desincumbir das tarefas cotidianas, à espera de um dia podermos realizar o que de fato desejamos, dia esse traduzido pela palavra aposentadoria. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.104).

O trabalho nesse caso representa um fardo do qual a pessoa deseja livrar-se. O que é um fato muito grave, visto que, grande parte da vida do indivíduo, é gasta no trabalho. Se o desempenho dessa atividade é algo tão desagradável, significa que grande parte de sua vida foi de dor e sofrimento. O trabalho que pode ser fonte de satisfação e alegria, nesses casos, é apenas um peso necessário. Muitas atividades profissionais são preciosas contribuições que um ser humano pode dar para sua comunidade, fonte de muitas realizações e alegrias.

Outro autor que dá sustentação a esta pesquisa é Rubem Alves, que, em um tom de conversa amigável, escreveu um texto lúdico, lúcido e profundo sobre este aspecto da vida que nem sempre valorizamos: o prazer³. Em seu livro, Alves discorre, longa e repetidamente, sobre os pequenos prazeres que podemos desfrutar em nossa vida, entre eles o de degustar um alimento delicioso, apreciar as flores do jardim, ler um poema, ouvir uma sonata de Bach. Quando nos vemos livres das obrigações, podemos usar o tempo que nos resta para usufruir de pequenos ou grandes prazeres.

O autor nos conta que Gaston Bachelard compara a vida à chama de uma vela. Nesse sentido, os velhos estão desfrutando do último clarão, antes que sua vela seja totalmente consumida. Porém, não precisamos ficar velhos para compreender esse mistério no apagar de nossas velas. Podemos, desde sempre, enquanto jovens, valorizar cada instante de nossas vidas e aproveitar os bons momentos.

O autor se diz louco por jardins, e que os considera a presença de Deus na terra. Lamenta o dia em que abandonou seu jardim devido aos inúmeros compromissos profissionais, pois tudo se deteriorou e perdeu o encanto. Jardins precisam de cuidados, pois são seres vivos. Para cultivar um jardim é necessário ter tempo, paciência e sabedoria. Nas suas palavras:

³ *Variações sobre o prazer*, 2011.

Mas o que foi que fiz com meu jardim? Abandonei. A caixa das abelhinhas apodreceu, caiu a tampa e eu não fiz nada. Cresceu o mato, eu não fiz nada. Da fonte tirei os peixes, coitados... De um lugar de prazer, onde se assentar em abençoada vadiação contemplativa, meu jardim virou um lugar de passagem. Abandonei o meu amigo, por causa do dever. Para o inferno com o dever. Vou mesmo é cuidar do meu jardim. Por prazer meu. E pelas alegrias de minhas netas. (ALVES, 2011, p.11- 12).



Figura 6: *Encontro Palavras Bordadas*, 2013. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.

O autor afirma ainda que o livro, *Variações Sobre o Prazer*, não foi concluído. Talvez, porque a sabedoria nele contida tenha surgido muito antes dele ter nascido e outros saberes, que se seguem, ultrapassarão a sua morte. Então os livros são como um intervalo no oceano de informações que nos permitem apenas colocar uma demarcação provisória. Em outras palavras: um livro tem o antes e o depois. O mesmo está a acontecer com a confecção da minha colcha de palavras, que começou muito antes de ter iniciado e continuará muito depois de ter sido concluída.

O autor faz também uma séria crítica aos métodos acadêmicos que, por meio de uma operação que prioriza o racional, aprisionam a capacidade de pensar e argumentar dos alunos, levando-os apenas a reproduzir o que já foi pensado e publicado.

Nas palavras de Ludwig Wittgenstein: “Eu não gostaria que as coisas que escrevo poupassem as outras pessoas de pensar. Ao contrário, se possível, gostaria de estimulá-las a pensar pensamentos que fossem delas mesmas.” (ALVES, 2011, p.29).

Alves também nos ensina que devemos escrever como quem dança, a deslizar pelos pensamentos de forma a criar um texto significativo e com a marca de nossa autoria. Escrever também por prazer, para praticar o exercício de pensar. O diálogo com os autores é uma forma de pensar junto e não um esquema de submissão do pensamento.

Mas necessito olhar com calma o que o autor afirma sobre as palavras, uma vez que meu trabalho pretende analisar o conjunto das mesmas que serão bordadas pelos sujeitos participantes da pesquisa. Alves, busca elucidar a força da palavra por meio de dois autores:

As palavras, etéreas, tem poderes muito maiores que o de simplesmente produzir imagens. Dizem que delas escorrem substâncias corpóreas. “Palavras e coisas sangram pela mesma ferida”, diz Octávio Paz. As palavras sangram? Sangram coisas? As palavras são sangue? Nietzsche achava que sim. “De tudo o que se escreveu eu somente amo aquilo que o homem escreveu com seu próprio sangue. Escreve com sangue, e experimentarás que sangue é espírito. (ALVES, 2011, p.38).

Noutras palavras, podemos entender que as palavras são carregadas de experiências vividas, o que lhes confere essa característica quase carnal. A palavra carrega todos os sentidos a partir do ponto de vista de quem a pronuncia, portanto, devemos tomar muito cuidado com sua interpretação. A palavra, por vezes, se torna pequena para descrever tudo que representa. No tocante a uma pesquisa com palavras não podemos deixar de dar voz a quem as pronuncia, para, assim sendo, ampliar a dimensão do dito e nos permitir um diálogo mais próximo do enunciado.

As palavras são pronunciadas por meio das conversas, durante os encontros para bordar. São conversas soltas, sem a intenção de possuir um rigor próprio dos trabalhos acadêmicos. Nesses encontros, as palavras dançam e saltam por diversos assuntos. O que talvez indique que as palavras são menos importantes que a convivência e o ato de bordar. O autor considera a conversa um jogo e uma brincadeira com as imagens.



Figura 7: Detalhe da Colcha de Palavras, 2014. Foto: Dalva Lopes.

Ainda assim, Alves não separa pensamento do corpo, no dualismo corpo e mente. Ele sugere que, na verdade, pensamos com o corpo, e, quando acionamos nossos sentidos para nos ocupar de um assunto, já estamos pensando com o corpo inteiro. Para ele:

Somente a razão pretende aprender o mundo como totalidade. O corpo só pode lidar com o mundo em pequenos pedaços. É precisamente por isso que ele é sábio. Nietzsche comparou a sabedoria à arte da degustação. Degustar é selecionar, escolher, dizer não, rejeitar. Não é possível provar todas as coisas ao mesmo tempo. (ALVES, 2011, p.34).

As palavras são mais do que reproduzidas de imagens em nosso cérebro, são elementos que possuem vida, pois são a representação do vivido e, portanto, quase são entidades concretas. Nos rituais religiosos, as palavras vão além do simbolismo e transformam-se quase em entidades reais. O corpo e sangue de Cristo evidenciam essa transformação.

Ao analisar as palavras bordadas, terei de estar atenta a todas as significações do vivido que transbordam delas. São palavras concretas, que dizem

além de si quando escapam a representação e transformam-se em conteúdos vivos.

Alves considera que adquirir conhecimentos e aprender seria equivalente a comer. Quanto introjetamos determinados conhecimentos, estamos ingerindo os mesmos. Dessa forma, aprender seria um sinônimo de deglutir. Logo, os conhecimentos devem ser prazerosos e apetitosos, caso contrário, corremos o risco de sofrer uma indigestão. As instituições deveriam ter o dever, então, de tornar os conhecimentos atrativos, saborosos, para ir nutrindo os sujeitos e seduzindo-os a querer aprender sempre mais.

O autor também fala da velhice, período que pode ser muito promissor, visto que perdemos o medo de dizer o que pensamos. É o tempo da coragem, afinal, não temos mais nada a perder. Na velhice percebemos nossas grandes transformações. O exemplo das borboletas é muito inspirador:

As lagartas, cuja vida se resume em devorar as folhas sobre as quais se arrastam, após esgotarem essa fase rastejante e gastronômica entram num sarcófago que elas mesmas tecem, mergulham num sono profundo, e quando acordam não mais se reconhecem, tornaram-se uma outra coisa: seres coloridos, voantes de flor em flor, borboletas. (ALVES, 2011, p.44)

Com o passar dos anos, vamos nos transformando e adquirindo outras sabedorias. É a vida nova que nasce da velha vida. Se estivermos atentos, e dispostos a evoluir, poderemos fazer nascerem borboletas em cada instante de nossas vidas.

As metamorfoses causam dores, pois implicam em rompimentos, ao mesmo tempo, são fontes de potencialidades criativas que podem trazer diferentes sentidos à vida. Abrir-se para essa criação em abundância depende de nossa versatilidade em aceitar os novos desafios da existência.

Diante da finitude da vida os seres humanos se perguntam sobre o tempo que lhes resta. E, por vezes, se tomam de coragem para dizer o que nunca tinham dito, pois antes eram amedrontados pelos julgamentos sociais.

O autor também nos fala sobre os esquecimentos, afirma que para desbravar novos e inusitados caminhos devemos esquecer o que já trilhamos. Seria como nos despirmos das bagagens dos conhecimentos para então reiniciá-los com os olhos

dos desconhecidos. Um colocar-se diante do mundo com o olhar da criança que é cheia de curiosidade e poucas certezas.

Quando caminhamos, seguindo métodos seguros, possivelmente chegaremos a lugares previsíveis. O esquecimento seria uma forma de tentar encontrar o desconhecido, a novidade, a surpresa. O autor assegura: “É o fascínio que acorda a inteligência. O conhecimento surge sempre do desafio do desconhecido.” (ALVES, 2011, p.54).

Alves compara o esquecimento a velhas cascas das árvores, que precisam ser retiradas para fazer aparecer o novo, ou às sucessivas camadas de tintas que necessitam ser raspadas para deixarem aparecer o aspecto original. Segundo o autor:

Nós, humanos, para renascer, temos de esquecer – abandonar a casca velha para que a nova apareça –, as cascas vazias das cigarras presas aos troncos das árvores são um passado subterrâneo que teve que ser abandonado para que o ser voante nascesse.
(ALVES, 2011, p. 55).

O escritor nos fala ainda dos saberes do corpo. Ele estabelece diferenças entre conhecimento e sabedoria. Para ele, conhecimentos são ferramentas para obter informações, e sabedoria é o que nos dá os fundamentos para viver.

Para a Psicanálise, os saberes do inconsciente são ignorados pelo corpo:

O inconsciente é o lugar onde mora a sabedoria, os saberes que o corpo sabe sem que deles a consciência tenha consciência. Por isso eles não podem ser ditos. Na profundidade das águas, tudo é silêncio. A sabedoria do corpo não pode ser dita com palavras-conceito. Ela só pode ser sugerida por meio de metáforas. (ALVES, 2011, p.72).

Para permitir o aparecimento dos conhecimentos do inconsciente é necessário deixar submergir a sabedoria que mora no corpo. Ela não pode ser entendida com os instrumentos científicos, mas sim com a razão sensível.

Quando o autor afirma que o corpo sabe sem saber está apontando para o fato de que muitos saberes não são conscientes e nem foram objetos de uma organização sistemática e rigorosa. Esses são saberes vivenciados e não pensados, por isso, sabemos sem saber. Ou seja, são traduzidos em ações que não foram alvo de uma elucidação racional. Então podemos tentar fazer aflorar essa sabedoria do

corpo, fazendo cessar as operações racionais, nos permitindo acionar os cinco sentidos.

Michel Maffesoli é mais um autor para auxiliar a pensar e compreender a sociedade contemporânea na qual estamos inseridos e em que os sujeitos participantes da pesquisa vivem, trabalham e estudam.

Como responsável pela elaboração da *Sociologia Compreensiva*, Maffesoli trata de constatar o que acontece na sociedade contemporânea sem emitir juízo de valor. Observa e descreve o que percebe, não colocando suas opiniões em termos de certo ou errado, bom ou ruim, mas apenas constatando, descrevendo e procurando entender os diversos elementos, atitudes e ações que compõem uma sociedade complexa.

Disposto a observar e ver o que acontece no teatro da vida cotidiana, o sociólogo dá ênfase e valor a aspectos que passam despercebidos ou são deliberadamente escamoteados pelas instituições dominantes.

A observação da vida cotidiana desvela os sujeitos “encarnados” que vivem uma vida ordinária e dão o tom o qual Maffesoli denomina de “estilo de uma época”. Estilo que se apresenta em formas que demarcam os contornos desse tempo. Os valores que a sustentam vão sendo paulatinamente substituídos por outros vivenciados no cotidiano.



Figura 8: Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.
Foto: Julianio Petitot.

Cada época tem seu estilo próprio e, numa tentativa de perpetuar-se como dominante, reluta e combate os novos valores emergentes. Os desqualifica, menospreza e procura resistir na manutenção de valores ultrapassados.

Maffesoli considera então que o ideal democrático próprio da modernidade, vai sendo gradativamente substituído pelo ideal comunitário, uma característica da pós-modernidade. Este é vivido com ênfase no presente, no aqui e agora, no sentimento de pertença e na emoção de estar junto. Desta forma, o individualismo deixa de ser um aspecto da pós-modernidade, visto que esta se propõe a articular elementos díspares, numa colagem que visa unir, para uma vivência comum.

Da necessidade de convivência, do prazer de estar junto e partilhar gostos, das atitudes e costumes, nasce o tribalismo. Essa forma de viver em grupos proporciona a oportunidade de sentir e experimentar sentimentos comuns. Apesar de que, na procura pelos semelhantes corre-se o risco de praticar a discriminação com o diferente.

Nossa sociedade contemporânea abriga diversas tribos, que se reúnem por fortes vínculos de pertença, inventando maneiras de viver e trabalhar que, por vezes, afrontam os valores estabelecidos pela modernidade. A essa nova forma de viver e atuar em comunidade, Maffesoli denomina de *socialidade*. O espírito comunitário passa então a resgatar e vivenciar diversos valores arcaicos. O antigo e o contemporâneo convivem no presente, sem se excluir, mas um influenciando o outro. Os mitos mais antigos podem conviver com a tecnologia de ponta. Mitos que correriam risco de desaparecer, mas são recolocados na ordem do dia, graças aos avanços tecnológicos que permitem uma divulgação na mídia.

O autor nos fala da explosão das imagens. Estas são demasiado complexas para serem apreendidas por conceitos racionais. As imagens cumprem a função de religação com os objetos, elas tomam forma e mostram o estilo de uma época. Hoje, as imagens se espalham como vírus, mas sua função agregadora vem de tempos remotos, basta lembrar-se da importância de um totem para uma tribo primitiva. Temos nossos totens contemporâneos como as marcas e os produtos diversos da moda, que, na tentativa de promover a distinção, termina por promover uma uniformização dos grupos.

Ignorando a racionalização do mundo que é uma característica da modernidade, a vida comunitária evidencia os sentimentos. Os eventos cotidianos pós-modernos são favoráveis às vivências das paixões e os indivíduos se entregam

aos prazeres mundanos. Há uma tendência a viver de forma apaixonada os momentos de celebração coletiva.

A transformação de uma sociedade utilitarista e racional em outra, de características mais emocionais, não acontece de forma pacífica e harmônica. Assim, convivem elementos antagônicos no interior da sociedade. Os elementos dominantes tentam resistir enquanto os novos valores lutam incessantemente para se estabelecer. Contudo, é necessário esforço para perceber esses novos valores, pois os mesmos não estão totalmente definidos o que torna difícil sua apreensão.



Figura 9: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.*
Foto: Juliano Petitot.

Passamos de uma sociedade preocupada com o planejamento do futuro para outra empenhada em viver e aproveitar ao máximo o presente, e que está disposta a viver o reencantamento do mundo, no qual os prazeres e o estar junto são uma experiência compartilhada. É possível vivenciar os aspectos oníricos e articular a realidade a partir dos sonhos coletivos. Nas palavras do autor:

De minha parte, ao contrário daqueles que continuam analisando nossas sociedades em termos de individualismo e de desencantamento, já mostrei que o que parece estar na ordem do dia remete antes a uma espécie de

tribalismo, que tem por vertente um verdadeiro reencantamento do mundo. A partir do que é visível, imanente, há algo que leva ao invisível, ao transcendente. (MAFFESOLI, 1995, p.145).

É a vida como obra de arte, que se efetiva por meio de uma “ética da estética”. Sem as antigas preocupações com o futuro, que, de certa maneira, impediam um aproveitamento do tempo presente. Tal estética estabelece uma fruição dos prazeres, aqui e agora.

Quando fala do nascimento de uma nova cultura em países em vias de desenvolvimento o autor afirma:

Neles, a afirmação de maneiras de ser tradicionais, a acentuação dos costumes locais e as formas de solidariedade comunitária serão a marca da estética de que acabo de falar. Uma estética, evidentemente, não se reduz à arte, mas que remete às emoções partilhadas e aos sentimentos vividos em comum. Assim o estilo, como conjunto de formas ordenadas, sentidas como tais é, pois, uma característica contemporânea amplamente difundida. É isso mesmo que é causa e efeito da socialidade que está nascendo neste final de século. (MAFFESOLI, 1995, p.34).

Maffesoli afirma que vivemos num mundo saturado pelo poder das imagens. A imagem é indomável, foge ao controle, permite aos indivíduos apreenderem muitos sentidos. A imagem é ingovernável, não sendo possível prever e controlar os sentidos que elas sugerem. O apego ao racional, em que todos os eventos podem ser descritos, calculados, quantificados é uma forma de combater a influência das imagens.

Nas trocas sociais é que construímos nossa individualidade, mas a mesma é afetada e construída por todas as influências que recebemos do meio social. O ser humano é inconcluso e por meio das diversas interações sociais vai agregando ou eliminando valores e conhecimentos, sempre podendo influenciar e ser influenciado. Nossa individualidade é um paradoxo, pois não podemos estabelecer precisamente onde termina a marca coletiva e onde começa nossas autênticas escolhas.

Sabendo desse fato podemos nos colocar no mundo de forma ativa e por vezes passiva, formando e sendo atingidos pelos inúmeros eventos que tomamos a decisão de participar.

Vivemos de forma mutante, e podemos afetar e sermos afetados pelos diversos acontecimentos com os quais nos deparamos. A vida é movimento. Seu

contrário, a rigidez, é morte. Podemos ser como as plantas que se movimentam, “caminham” em direção à luz e estendem suas raízes para produzir um broto mais adiante.

Há um mundo a ser construído, para ser colocado em forma, na expressão de Maffesoli. Quanto mais atuamos, mais colocamos o mundo em forma. Dividimos com as máquinas e as indústrias as possibilidades de construção do mundo, mas as atividades manuais, artesanais têm a marca do saber do corpo, daquele que faz.

Na profusão de produtos que invadem nosso cotidiano, muitos ornados mais pela propaganda do que por seus próprios atributos, destacam-se os objetos artesanais, com a marca da manualidade, dos saberes ancestrais, carregados de um simbolismo que os distingue dos demais.

A leitura da obra de Maffesoli me fez suspender o espírito crítico da revolta e ativar minha capacidade compreensiva, pois viver em um passado saudosista nos torna amargos e desajustados.

Creio que grande parte do sofrimento de nossa época resida na falta de compreensão das características do período contemporâneo. O desconforto diante de fatos incompreensíveis da atualidade pode favorecer o aparecimento de inúmeras enfermidades. São doenças tanto físicas quanto psíquicas. Há, no entanto, o aparecimento de uma espécie de engajamento dos indivíduos que se articulam em grupos e dividem seus desconfortos, paixões, dores, sonhos e projetos de vida. O isolamento no núcleo familiar, modelo da modernidade, está cedendo espaço a um outro tipo de relação humana: os grupos que se formam por interesses comuns.

Maffesoli, com sua sociologia compreensiva, pretende mostrar a contemporaneidade como um campo de lutas entre o moderno e uma nova maneira de estruturar a sociedade e a vida. Aponta esse momento como de transição em que os múltiplos grupos se organizam, de forma consciente ou não, para romper com os parâmetros do mundo moderno. Poderá ser muito elucidativo comparar a ação das pessoas e grupos nessa dança por transformação social, os quais modificam suas vidas, em prol de viver um cotidiano mais significativo.



Figura 10: *Encontro Palavras Bordadas*, 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.

O autor Richard Sennett defende que “fazer é pensar”. Essa afirmação tem como finalidade retomar a discussão acerca da separação do trabalho manual e intelectual. Sabemos que nem sempre houve essa cisão. Na Idade Média, o trabalho nas guildas⁴ era executado e pensado pelos mestres e seus aprendizes. O mestre tinha como função ensinar um ofício a eles. Esses permaneciam por vários anos sob a tutela do mestre, ocasião em que recebiam orientações teóricas e práticas para o domínio das técnicas que configuravam o conhecimento de um ofício. Os aprendizes pensavam enquanto executavam as tarefas práticas, uma vez que depois de um determinado tempo, deixariam a oficina e, possivelmente, iriam exercer a função de seus mestres. Tal aprendizado, pelo que se percebe, era desenvolvido de forma global, em que teoria e prática tinham a mesma importância. O pensar e o fazer, bem como o fazer e o pensar eram parte de um processo abrangente e não discriminatório.

Com o advento da Revolução Industrial, o trabalho que era exercido no regime dos ofícios, passou a ser executado em escala industrial. Foram inventadas as máquinas que eliminaram em grande parte as mãos humanas na confecção dos produtos. O trabalhador também não precisava pensar, pois sua tarefa era apenas

⁴ Associações formadas por artesões.

auxiliar a máquina a executar uma função. O desenhista industrial passa a ser encarregado de criar e planejar os objetos que posteriormente seriam produzidos pelas fábricas. O trabalho ficou compartimentado, de tal forma, em diversos setores, nos quais o operário fazia apenas uma função, às vezes executando um único gesto. Podemos imaginar os malefícios desses condicionamentos ao corpo destes trabalhadores, provocando, inclusive, muitas doenças, gerando um imenso sofrimento. Essa separação entre o fazer e o pensar, afetou profundamente a capacidade intelectual dos mesmos, que ficaram reduzidos a apêndices das máquinas, desconhecendo os processos pelos quais passavam os produtos que estavam sendo criados.

Segundo Sennett, a filósofa Hannah Arendt que foi sua professora, acreditava que as pessoas não sabiam o que faziam quando executavam um projeto. Ela os classificava de *Animal Laborens*, ou seja, aquele que executa um trabalho braçal. Eles não pensavam nas consequências sociais e culturais dos usos dos produtos que fabricavam. Fazer o projeto, resolvendo as questões técnicas que implicariam no seu sucesso, já era uma situação agradável. Quando estavam fazendo a bomba atômica, os engenheiros e operários não estavam preocupados com as consequências sociais que o artefato causaria no momento em que fosse detonado. Não pensaram sobre o imenso sofrimento que aquela criação iria impingir a um número enorme de pessoas. Os cientistas também não têm controle sobre os rumos que seus inventos irão tomar no futuro. Uma vez que o mundo está sempre em transformação, objetos que foram criados com uma finalidade podem ser usados para outras.

Para Arendt (ARENDR, 1958 apud SENNETT, 2012, p.16), o *Homo Faber* (aquele que faz) é um sujeito que tem autonomia e um juízo de valor sobre o trabalho que executa, sendo assim, estaria acima do *Animal Laborens*.

Para Sennett, entretanto, essa separação, que caracteriza a modernidade, é um tanto arbitrária: “A história traçou linhas ideológicas divisórias entre a prática e a teoria, a técnica e a expressão, o artífice e o artista, o produtor e o usuário; a sociedade moderna sofre dessa herança histórica.” (SENNETT, 2012, p.22).

Para tentar resgatar esse sujeito integral que foi partido pela separação entre teoria e prática, Sennett se dispõe a demonstrar que quem faz, pensa. Analisando como se faz o produto em si, como uma vestimenta, por exemplo, ele considera que

há uma diferença entre o trabalho manual e a habilidade artesanal. Nas suas palavras:

Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo. Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais; diz respeito ao programa de computador, ao médico e ao artista; os cuidados paternos podem melhorar quando são praticados como uma atividade bem capacitada, assim como a cidadania. Em todos esses terrenos, a habilidade artesanal está centrada em padrões objetivos, na coisa em si mesma. (SENNETT, 2012, p.19).

Considerando o artífice como aquele que desenvolve em alto grau suas habilidades artesanais, constatamos que o artesanato estaria numa escala inferior. Nesse sentido, o desenvolvimento das habilidades estaria ligado às práticas corporais e à capacidade de imaginação. O artífice usa seu corpo, sua mão para executar uma ação e, por meio de sua imaginação, pode perceber e vislumbrar estratégias para solucionar possíveis impasses que porventura surjam no planejamento e execução de um projeto.

Uma das características do artífice é sua capacidade de engajamento, condição da maior importância para fazer um trabalho bem feito. Esse engajamento está articulado em um alto nível de motivação. A motivação pode ser desenvolvida pela competição ou pela satisfação de trabalhar pelo bem da comunidade. Mas essas duas modalidades não dão conta dos aspectos que levam à motivação. Poderia o prazer de ter um trabalho bem feito ser a origem da motivação? Esse trabalho bem feito seria mais bem compreendido no âmbito da cooperação e da colaboração.

No trabalho em cooperação, tem importância o valor da experiência, pois na troca de ideias para solucionar um problema um trabalhador pode, por sua prática, antever uma solução com mais rapidez. Mas para essa troca e aprendizado fluírem com mais eficiência é importante diminuir o papel tradicional da autoridade, pois todos precisam ter seus argumentos de fato respeitados para encaminhar as possíveis soluções. Se tiver medo de melindrar a autoridade, um trabalhador poderá sentir-se intimidado a dizer exatamente o que pensa.

Outro problema que se enfrenta na busca por melhorar a habilidade artesanal é a transferência de conhecimentos, pois os mecanismos de transmissão de

conhecimentos são por demais complexos para que se tenha domínio sobre eles. Mas, mesmo assim, é necessário implementar medidas de transmissão de conhecimentos. Explicar como se faz tem mais sentido se vier acompanhado da prática. Mostrar como se faz, repetir a ação até o aprendiz adquirir a habilidade de fazê-lo é uma etapa. A próxima, e importantíssima fase, seria a do momento de dar um salto significativo que possibilitaria transcender e estabelecer atos criativos. Significaria uma apropriação e posterior transformação. Passaríamos do artesão ao artífice, aquele que faz e cria, inventa, e tem sua capacidade imaginativa e laborativa ampliada a cada prática desenvolvida.



Figura 11: Detalhe Colcha de Palavras, 2014. Foto: Dalva Lopes.

Para melhorar suas habilidades o artífice precisa aprender, entretanto tal aprendizado nem sempre é fácil, devido à dificuldade da transferência do conhecimento, uma vez que existem dois tipos de conhecimento: há o conhecimento tácito e o explícito; o primeiro está incorporado às habilidades cotidianas dos artífices que podem ser mostradas, mas nem sempre explicitadas. O conhecimento explícito, por sua vez, pode ser demonstrado por meio de uma explicação teórica. Devido a essa barreira na transmissão do conhecimento tácito, muitas aprendizagens perderam-se ao longo dos tempos. Para o autor:

O trabalho artesanal cria um mundo de habilidade e conhecimento que talvez não esteja ao alcance da capacidade verbal humana explicar; mesmo o mais profissional dos escritores teria dificuldade de descrever com precisão como atar um nó correição. (SENNETT, 2012, p.111).

O autor também enfatiza que a perícia artesanal é constituída por três habilidades essenciais. São elas: localizar, questionar e abrir. O artífice, por meio de suas ações, poderia perceber onde está localizado algum fator importante e, através de uma vigorosa reflexão, apontar possíveis encaminhamentos para a solução de um problema, por exemplo. O fato de refletir, duvidar e apontar saídas indica uma abertura na resolução de um impasse.

O conhecimento é cumulativo e progressivo. Evolui por meio da ação e reflexão. Desse modo, o corpo e o pensamento estão em um constante intercâmbio para fazer avançar o conhecimento. A separação entre o fazer e o pensar muito sofrimento trouxe aos trabalhadores nas linhas de montagem, diminuindo as possibilidades de ampliarem seus conhecimentos, uma vez que eram levados a repetir gestos rotineiros por um longo tempo.

O autor também faz uma comparação entre o trabalho do artista e do artífice. Enquanto o artífice trabalha nas oficinas, de forma coletiva, o artista tende ao isolamento, elaborando seu trabalho de forma individual. Enquanto o artista precisa ser rápido, o artífice pode ser lento. O trabalho do artista estaria relacionado à capacidade criativa e originalidade, enquanto o do artífice, por sua vez, teria que ser produzido de forma bem feita, na busca da perícia artesanal. Essa é uma descrição do trabalho do artista de tempos mais remotos, pois sabemos que hoje o artista pode ter trabalhos coletivos e de alto engajamento social.

Vivemos em tempos tão acelerados que falar em lentidão é quase uma heresia. Mas vejamos o que nos fala o autor a respeito desse tema:

Os artífices orgulham-se sobretudo das habilidades que evoluem. Por isso é que a simples imitação não gera satisfação duradoura; a habilidade precisa amadurecer. A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação; a prática se consolida, permitindo que o artesão se aposses da habilidade. A lentidão do tempo artesanal também permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos. Maduro quer dizer longo; o sujeito se apropria de maneira duradoura da habilidade (SENNETT, 2012, p.328).

Portanto, por melhor que o artífice faça seu trabalho, não pode descuidar-se dos possíveis usos que dele irão fazer as futuras gerações. O criador torna possível a materialização de determinados objetos no mundo. Ignorar ou negar-se a pensar sobre as futuras consequências da ação, no mundo desses objetos, é uma grave falha ética.

No livro *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação* (2012), Sennett realiza uma ampla análise das formas de cooperação e dos possíveis entraves que dificultam sua realização.

Tendemos a procurar convivência com nossos iguais ou com os que conosco tem afinidade. Quando necessitamos conviver com nossos dessemelhantes temos muitas dificuldades. Isso acontece porque nos aproximamos dos que despertam nossa simpatia. Ao mudar nossa postura e articular uma proximidade por empatia podemos ser mais bem sucedidos. Na simpatia contatamos com o que nos identifica e na empatia percebemos o outro a partir da sua própria especificidade.



Figura 12: Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.
Foto: Juliano Petitot.

Vivemos numa sociedade com fortes características individualistas em que as práticas colaborativas não são incentivadas, e nem desejadas. Nosso próprio

desenvolvimento humano, desde a infância, ocorre graças à colaboração de nossos familiares. Um bebê é um ser indefeso e precisa ter suas necessidades atendidas pelos que o rodeiam. Na precária comunicação empreendida pelos bebês, eles vão anunciando suas necessidades e desejos. Quando um bebê chora, está sinalizando algum desconforto que logo é atendido por sua mãe ou por quem é encarregado de seus cuidados.

No longo período de desenvolvimento da infância, no qual não temos as habilidades de comunicação plenamente desenvolvidas, vamos precariamente emitindo sinais, que são decifrados pelos que nos rodeiam. Graças à íntima cooperação familiar é possível avançar rumo ao desenvolvimento.

Gradativamente, no entanto, vamos diminuindo as ações de cooperação, até nos depararmos, na vida adulta, com um grau relativamente alto de individualismo e isolamento.

Se em nossa origem a cooperação foi fundamental, não há razões que justifiquem na vida adulta o seu enfraquecimento ou desaparecimento. Com o tempo, os atos cooperativos poderiam desenvolver-se e consolidarem-se.

Sabemos que o modelo de família nuclear burguesa, assim como as formas de trabalho em série ou departamentos isolados, empurra as pessoas em direção ao individualismo.

O desafio seria, então, empreender esforços para que as pessoas desenvolvessem um maior nível de cooperação, seja nas famílias, no trabalho e/ou na comunidade. Para isso, seria necessário inverter os valores que estimulam a competição, a obediência cega à autoridade e o isolamento familiar e desenvolver formas mais colaborativas de trabalho. Como, por exemplo, dividir a responsabilidade da educação das crianças, criar famílias mais ampliadas, incluindo os amigos, e inventando formas de trabalho mais autônomas e coletivas.

Contudo, para manter grupos unidos por uma forma de trabalho colaborativo é necessário desenvolver habilidades que ajudarão a resolver problemas e construir alternativas de trabalhar juntos. Uma habilidade importantíssima para trabalhar em grupos é saber ouvir. Ouvindo, enfatizamos a importância da palavra do outro. Para saber ouvir bem precisamos colocar entre parênteses nossas certezas e exercitar a prática dialógica. Na dialética, procuramos fundamentar e estruturar nossos argumentos para provar uma determinada ideia. Essa postura restringe e intimida o livre pensar do outro. Conversas desse estilo, normalmente desembocam no

confronto de ideias, que tendem à ruptura e não à colaboração. Ou, pior ainda, um dos indivíduos pode estar trabalhando para submeter ideologicamente o outro.



Figura 13: *Quadrado Bordado – Ideologia*, 2014. Tecido e linha. 40x40cm.
Foto: Juliano Petitot.

Numa conversa dialógica, nossa intenção é ampliar a discussão, para formar uma rede que nos possibilite focar nos pontos que nos aproximam. Para isso, podemos ir cercando o tema com argumentos indiretos, como fazem os diplomatas, o que pode ser mais frutífero que debater conceitos assertivos. Fazer rodeios pode ser mais útil que enfrentamentos. Para que o outro compreenda nossos argumentos, podemos abrir mão de nossas próprias certezas. Na troca dialógica, em vez de convencer podemos acabar sendo convencidos, pois se tratam de seres que pensam e procuram uma solução que seja conveniente para o projeto e não para satisfazer interesses pessoais.

Fazer rodeios é mais uma estratégia de dar seguimento nas argumentações criativas do que tática de manipulação e convencimento.

Um projeto coletivo exige um alto grau de colaboração, mas esta não se manifesta apenas de forma positiva. Tendemos a perceber a colaboração como recíproca, mas nem sempre é assim.

As trocas em que se envolvem todos os animais sociais abarcam um espectro de comportamentos que vão do altruísmo à crueldade na competição. Não gosto de categorias arbitrárias, mas a bem da clareza dividi o espectro de trocas em cinco segmentos: trocas altruístas, implicando autossacrifício; trocas ganhar-ganhar, nas quais ambas as partes se beneficiam; trocas diferenciadas, nas quais os parceiros se conscientizam de suas diferenças; trocas de soma zero, nas quais uma das partes prevalece em detrimento da outra; e trocas tudo para um só, nas quais uma das partes anula a outra. (SENNETT, 2012, p.93).

Como podemos perceber, trocas nem sempre acontecem de forma construtiva e seria bem difícil eliminar essas características negativas e desenvolver apenas os espectros nobres da colaboração.

Estando atentos aos cinco segmentos das trocas, podemos orientar nossa própria participação nos grupos para tentar agir de forma a enfatizar as trocas positivas e neutralizar as negativas.

Outro aspecto que tende a desestabilizar as trocas positivas é o exercício da autoridade, principalmente quando exercida de forma autoritária. Se, para desenvolver determinado projeto, há necessidade da figura de um chefe, sua atuação precisa ser reconfigurada.

Em Boston, contudo, nossa equipe de pesquisa constatou que os trabalhadores braçais forjavam no trabalho fortes vínculos informais que tiravam as pessoas dos seus nichos. Essas relações informais consistiam em três elementos que formavam um triângulo social. De um lado, os trabalhadores devotavam um relutante respeito aos chefes e patrões respeitosos, que por sua vez devolviam um respeito igualmente relutante aos empregados dignos de confiança. Em um segundo lado, os trabalhadores conversavam livremente entre eles sobre seus respectivos problemas e davam cobertura aos colegas em dificuldades, fossem elas representadas por uma ressaca ou um divórcio. No terceiro lado, davam uma mão quando necessário, cumprindo horas extras ou fazendo o trabalho de outros, sempre que alguma coisa desse errado temporária e drasticamente no local de trabalho. Os três lados do triângulo social consistiam na autoridade merecida, no respeito mútuo e na cooperação em momentos de crise. (SENNETT, 2012, p.181).

Nas relações cotidianas de trabalho podemos perceber que as trocas entre chefes e subordinados se estabelecem de forma bastante autoritária, criando diversos obstáculos para uma cooperação que se baliza a partir do respeito mútuo.

Se as relações são de opressão, as trocas colaborativas se efetivam apenas entre iguais. Os subalternos tendem a colaborar o mínimo com seus chefes, boicotando as tarefas de forma dissimulada. Outros partem pra um esforço inglório de fazer o máximo, quase o impossível, para agradar os superiores. Permanecem no campo da disputa e competição com seus iguais, na tentativa de destacarem-se de forma individual, para, quem sabe, conseguirem uma promoção e galgar um posto mais avançado de trabalho.

As relações autoritárias são verticais, ou seja, são construídas de cima para baixo, tornando as decisões em um ato de comunicação de quem manda e em uma atitude de obediência para quem é mandado.

Um trabalho em equipe, quando praticado de forma democrática, acontece numa relação horizontal, em que a comunicação dialógica não privilegia uns sobre outros.



Figura 14: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.*

Na sociedade, expressam-se muitas práticas cotidianas denominadas rituais. Os rituais, vividos como acontecimentos variados, muitos dos quais manifestações festivas, são assimilados de tal forma pelas pessoas e grupos que, com o passar do tempo, tornam-se práticas inconscientes. Os rituais tem o poder de impregnar as práticas sociais, tornando suas manifestações atos automáticos, nos quais os membros não questionam nem tentam entender as origens dessas ações. Com sua origem perdida no tempo, o ritual se perpetua por meio de repetições e expressões dramáticas. Objetos podem ser incorporados às manifestações ritualísticas, conferindo, a estas, significados até então inexistentes. Por exemplo, coelho é um dos símbolos mais divulgados na época da Páscoa. Nos rituais pós-modernos consumistas as pessoas não estão dispostas a questionar o fato de coelho não colocar ovos. No entanto, a maioria entrega-se freneticamente a compra e venda de ovos de chocolate, do coelho da Páscoa.

Se os rituais existentes colocam-se como práticas a serem vividas e não atitudes a serem questionadas, poderemos começar com a invenção de novos rituais, não para substituir aqueles, que de alguma maneira tendem a perpetuar-se, mas para explorar novas formas de ação no mundo. A arte e os artistas, com suas ações criativas, podem renovar as práticas cotidianas, inventando situações vivenciais que primem por romper com o automatismo da convivência humana.

Por fim, o autor Nicolas Bourriaud aponta um caminho para desenvolver a pesquisa, no qual a troca produz um trabalho coletivo que só faz sentido na costura da palavra de cada participante. O autor nos coloca a reflexão sobre aspectos da arte contemporânea que não se enquadram nos cânones das estéticas tradicionais.

Se, no período em que se estabelece a arte moderna, a mesma ainda permanecia ligada à materialidade sob a forma de pintura, escultura e gravura, hoje, a mesma se multiplica por uma diversidade de meios, deixando o espectador por vezes perdido. Escapa de sua compreensão uma arte que rompeu com os cânones do passado e se processa, misturando-se com todos os saberes que se manifestam no mundo.

A essência da prática artística residiria, assim, na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de cada artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito. (BOURRIAUD, 2009, p.30-31).

Podemos perceber que a manifestação artística se desloca de um objeto material autônomo e dissemina-se pelas práticas sociais por meio da estética relacional. Esta estética não nega a materialidade da arte, no sentido que pode utilizar-se de materiais para proceder sua realização, mas não pretende tornar-se objeto cristalizado num determinado espaço físico.

Bourriaud descreve ações e situações criadas pelos artistas que ilustram a estética relacional:

Rirkrit Tiravanija organiza um jantar na casa de um colecionador e deixa-lhe o material necessário para o preparo de uma sopa tailandesa. Philippe Parreno convida pessoas para praticar seus hobbies favoritos no Primeiro de Maio, numa linha de montagem industrial. Vanessa Beecroft veste cerca de vinte mulheres, que o visitante só enxerga pelo vão de entrada, com roupas iguais e perucas ruivas. Maurizio Cattelan alimenta ratos com queijo Bel Paese e os vende como múltiplos, ou expõe cofres recém-arrombados. (BOURRIAUD, 2009, p.10).

Nessas obras relacionais, os seres humanos assumem uma relevância que torna imprescindível a participação dos mesmos para a realização da obra. Rompe-se então com a atitude quase passiva do espectador diante da obra, aquele que olha e pratica uma fruição estética. Há uma transição de uma posição vertical para uma relação horizontal de participação e colaboração. A estética relacional quer estabelecer com os indivíduos uma participação ativa e lúcida que transforma a vida numa obra de arte.

As obras de arte são produtos de seu tempo, são, portanto, atravessadas por todas as contradições e elementos da realidade social onde são produzidas.

Nossa época contemporânea é marcada por características do capitalismo que moldam o comportamento dos indivíduos. Vivemos em tempos de isolamento humano, embora conectados no mundo virtual. Sofremos as marcas e influências do sistema econômico que tem como objetivo máximo e último o lucro. E, para alcançar esse objetivo, é necessário estimular e supervalorizar o consumo de bens e marcas. A arte também é regulada e influenciada pelo modelo capitalista, pois, por meio de uma intrincada, quase secreta rede de articulações, faz com que determinadas obras alcancem preços astronômicos.



Figura 15: *Encontro Palavras Bordadas*, 2014. Centro de Artes.

A estética relacional nem sempre consegue uma ruptura total com esse modelo, mas se insurge e propõe alternativas que contestam e criam espaço para outras perspectivas. Assim como supera a arte em sua dimensão de objeto autônomo, anuncia a prática artística como uma experiência interativa. Nas palavras do autor:

Como a obra de arte é uma ocasião para uma experiência sensível baseada na troca, ela deve se submeter a critérios análogos aos que fundam nossa avaliação de qualquer realidade social construída. Hoje, o que estabelece a experiência artística é a co-presença dos espectadores diante da obra, quer seja efetiva ou simbólica. (BOURRIAUD, 2009, p.80).

Incluindo os expectadores na construção da obra, o artista rompe com um aspecto tradicional e autoritário que molda a maioria dos comportamentos dos visitantes de museus e galerias. A obra de arte agora é dinâmica, mutante, fugaz, um acontecimento, e não mais um objeto sagrado o qual os espectadores devem venerar.

A obra pode acontecer num museu ou galeria, mas no sentido de desconstruir práticas passivas de admiração e aceitação. A obra escapa dos espaços tradicionalmente concedidos às artes e toma o rumo do mundo, penetrando nas manifestações cotidianas, compartilhando relações estéticas de convivência, afetos e reflexões. O autor nos diz que “O espectador, então, oscila entre o papel de consumidor passivo e o de testemunha, associado, cliente, convidado, co-produtor, protagonista. (BOURRIAUD, 2009, p.81).

Para o público em geral, essa forma de arte pode parecer estranha e desafiadora, pois desloca aquele que era apenas um observador para a cena do protagonismo. E, como obra aberta, que se movimenta e se ramifica, está à mercê de sofrer as intervenções que a desloquem para pontos impensáveis. Então estará aberta para acolher o inesperado, a surpresa, os afetos e desafetos.

Obras com essa potência de envolver a comunidade, a coletividade e produzir obras criativas de convívio, são um excelente meio de combater o individualismo, pois os outros são partes vivas e atuantes da obra artística. O público, enquanto cria, se recria, e constrói sua subjetividade.

Por sorte, transcendemos a fase em que a obra permanecia intocável e estocada em museus e galerias. A obra contemporânea é vibrante e atuante. Mistura-se às ações do cotidiano, perdendo seu caráter sagrado, comungando com manifestações profanas. Esta arte se põe em relação com os acontecimentos cotidianos, na esperança de imprimir um estilo particular e criativo, enriquecendo e transformando as subjetividades humanas.

Em relação, os indivíduos criam e se recriam. Ações que afetam, talvez, um contingente pequeno de pessoas. De qualquer forma, a arte não pretende ser o baluarte das transformações sociais e há muito abandonou o caráter militante das atitudes engajadas, que pretendiam mudar o sistema político, numa forma linear e progressiva por meio da evolução científica e social. Segundo o autor:

A modernidade política, nascida com a filosofia das Luzes, baseava-se na vontade de emancipação dos indivíduos e dos povos: o progresso das técnicas e das liberdades, o recuo da ignorância e a melhoria nas condições de trabalho deveriam liberar a humanidade e permitir a instauração de uma sociedade melhor. (BOURRIAUD, 2009, p.16).



Figura 16: *Detalhe das linhas*, 2014. Foto: Dalva Lopes

Os artistas talvez tenham percebido que suas generosas ações em pouco mudavam as condições concretas da vida das pessoas, e que, no plano político mais amplo, poderiam servir para a tomada de poder e exercício da dominação. Então a arte estaria a serviço da alienação? Não necessariamente, pois o engajamento poderia manifestar-se por meio da reflexão, do desmonte dos discursos políticos partidários, que com uma atitude doutrinária querem transformar os cidadãos em seguidores e ingênuos eleitores. Os artistas não querem que sua arte sirva aos propósitos da manipulação de indivíduos inescrupulosos que têm como finalidade última de seus discursos demagógicos a perpetuação no poder.

3. ENVOLVIMENTO COM OS TECIDOS, TRAMAS E FIOS

Nos diversos cursos que participei, percebi que uma gama muito significativa de pessoas fazia seus trabalhos com tecidos, tramas e fios. Muitas manualidades e práticas artesanais utilizam esses materiais. Elas produziam seus objetos sem grandes preocupações criativas, muitas vezes apenas copiando receitas de revistas, mas ficavam muito envolvidas, discutindo tecnicamente como fazer bem feito.

Pensei que se procedesse a abordagem dessa pesquisa pelos parâmetros da arte e da criação teria muita dificuldade de comunicação, pois, para as pessoas em geral, as criações artísticas são ora inacessíveis ora incompreensíveis.

A ideia de coletar os sentidos do fazer, por meio de uma palavra bordada, me pareceu bem procedente, pois não excluiria os artistas e traria pessoas de diversas formações e interesses para o campo da exploração dos sentidos. Esta pareceu uma atitude mais aberta que permitiria a adesão de pessoas dos mais variados matizes.

Quando cursei a disciplina de Arte e Cultura na América Latina, durante a especialização em Ensino e Percursos Poéticos, pude fazer um estudo sobre Arthur Bispo do Rosário que, como interno de um hospital psiquiátrico, foi um exímio criador e hoje é considerado um dos maiores artistas do mundo.

Esse estudo mostrou-me como as razões que nos fazem criar são diversas, pois Arthur Bispo criava por motivações religiosas e devido à sua desordem mental. Dizia ouvir vozes que o mandavam produzir, as obedecia por considerar que era um pedido de Deus, que o havia encarregado de transformar o mundo em miniatura para o dia do Juízo Final. O artista produziu uma imensa coleção de obras, confeccionadas com *assemblages*, bordados e encapsulados. Não era artista, nem assim se considerava, mas produziu acervo de grande valor estético.

3.1 Arthur Bispo do Rosário: a poética da lucidez

Meu tema de pesquisa é aprofundar as relações entre arte e artesanato. Portanto, a arte têxtil seria o elemento de ligação entre esses dois temas. A minha

decisão de fazer este cruzamento, através da arte têxtil, justifica-se pelas práticas em cursos e associações que eu já vinha desenvolvendo, antes mesmo da especialização, como já havia explicado no início desta pesquisa.

Neste momento, julguei que seria de extrema importância trazer para esta reflexão o artista Arthur Bispo do Rosário, que viveu na época de efervescência da Arte Moderna, e que, em sua sequência, se funde aos elementos que possibilitaram caminhos para um entendimento (ainda em aberto) acerca das questões da Arte Contemporânea.

Outro aspecto relevante é que a arte enquanto expressão do sensível pode ser um elemento de manifestação das pessoas no mundo, que deve ser estendida ao maior número possível de indivíduos, facilitando-lhes os instrumentos de ação e manifestação. A arte, sendo um poderoso meio de comunicação, pode resgatar nos indivíduos suas capacidades criativas anestesiadas por uma sociedade consumista que tem como objetivo maior a produtividade e a lucratividade.

Bispo do Rosário não se considerava um artista, mas produziu uma obra que o alçou a esta condição, tal o volume e a importância de suas criações, as quais ele considerava de inspiração divina. Era um paciente psiquiátrico, dotado de delírios e visões que o impulsionavam a criar, de forma sistemática e ininterrupta.

Bispo é caso raro, rico e qualitativo, tanto para o estudo da loucura criativa, quanto da possibilidade de a desrazão se tornar, por meio da ação, um universo de expressão criativa do eu dissociado. E mais adiante: apartado do âmbito da cultura e, lançado, finalmente no intramuros onde a prática da psiquiatria hegemônica do passado mais produzia a ânsia mórbida da vontade e uma impotência para a ação, o sergipano de Japarutuba exercitou compulsivamente a atitude para a ordem, como que a produzir arranjos exteriores nos quais a dissociação interior pudesse se refletir ordenadamente. (SILVA 2003, p.10).

Os pacientes da instituição psiquiátrica poderiam ser livres para criar, dessa forma, usando a fantasia, as alucinações ou visões, Bispo foi um recluso que empregou a adversidade como recurso para a criação.

Enquanto cumprimos obrigações formais de trabalho não temos tempo para dedicar ao lazer e outras atividades criativas. Assim como os pacientes, cerceados da liberdade, muitos trabalhadores também são limitados em suas ações por uma carga horária extensiva de trabalho. Então tive a oportunidade de aproveitar o tempo, proporcionado pela aposentadoria, me ofereceu, frequentei diversos cursos

para aprimorar habilidades artesanais e trocas de aprendizagens. Essas trocas colaborativas foram em muito favorecidas pelas teias de relações construídas na longa carreira do magistério.

Para o exercício desta reflexão, abordarei uma das vertentes da obra dele, que será focada especialmente nos bordados.

3.1.1 Bordados

Bispo, provavelmente viveu, na infância e no início da adolescência, em um ambiente povoado por crenças religiosas católicas que tinham sua expressão mais marcante por ocasião das festas populares. Os participantes usavam trajes coloridos e bordados, representando reis, rainhas e outros personagens.

Talvez, dessa reminiscência, tenha criado os estandartes, os fardões e seu famoso “Manto da Apresentação”. Era um exímio artesão do bordado. Articulou as palavras e o bordado para deixar uma marca do discurso que queria pronunciar, por isso dizia: **“Eu preciso destas palavras- escrita”**. (HIDALGO, 2011, p.134).



Figura 17: Detalhe Colcha de Palavras, 2014. Foto: Dalva Lopes.

Sua arte é um namoro com a literatura. Bispo escrevia nos tecidos enquanto bordava. Sua escrita complementava e reforçava a mensagem das obras. No campo da significação, percebemos a redundância das mensagens que se manifestavam nos objetos, nos desenhos dos objetos e na palavra escrita que os representava. Bordava preenchendo os espaços. Procurava fazer uma ocupação constante, distribuindo símbolos, personagens, nomes de pessoas por todo o tecido. Como não os comprava, usava os lençóis e cobertores do hospital, para executar seus bordados.



Figura 18: *Manto de apresentação*, s/d. Arthur Bispo do Rosário. Objeto têtil.
Tecido algodão, tecido lã, linha, papelão e metal. 118,5 x 141,2 cm.

O “Manto da Apresentação” é considerado sua obra-prima. Nele, muito bordou, principalmente o nome de mulheres, as quais pretendia salvar, levando consigo no dia do Juízo Final. Esta obra é carregada de um imenso caráter simbólico.

O manto quer sobrepor a riqueza, a santidade e o luxo perene à finitude do corpo que o porta. Pode-se dizer que ele protege o corpo perecível que o enverga. Representa a hierarquia e a dignidade suprema, qualidades que se sobrepõem ao físico para isolar o homem da pequenez do mundo. É a fina película, ou a pesada riqueza da separação, o arquétipo da passagem entre a matéria e a essência. Com ele, os homens entregam-se a vida monacal e pronunciam votos que exigem a retirada para o mundo da contenção. (SILVA, 2003, p.89).

Arthur Bispo do Rosário confeccionou este manto durante anos para servir-lhe de mortalha, conforme todos os aspectos simbólicos que dão suporte e organizam sua obra. Ele está inserido no conjunto da produção como elemento mais importante, visto que, quando o usasse de forma definitiva, sua obra estaria terminada. Seu último desejo não foi cumprido e seu manto hoje encanta as pessoas que frequentam museus, espaços culturais onde sua obra é exposta. Está definitivamente guardado no Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, na antiga Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro.

Embora Bispo não considerasse arte aquilo que produzia, hoje ele é um dos mais importantes artistas do mundo. É reconhecido e admirado por críticos, curadores e historiadores da arte. Quem nos dá uma belíssima descrição de Bispo e sua obra é o curador da XXX Bienal de São Paulo:

Arthur Bispo foi, como as grandes ilhas, um ser da diferença e da distância, e em suas fissuras naturais e voluntárias, em sua dor e em sua saníssima e incompartilhável intuição, não cessou, como as grandes ilhas, de nos revelar o que podemos ser: nossa exterioridade ainda inalcançada. Bispo viveu em confinamento, em seu intramundo, e por isso talvez pôde ter uma certeza do mundo mais afilada e justa, transformada em coisas, em objetos, em brilhantes costuras. (PÉRES-ORAMAS, 2012, p.350).

Na produção de Bispo vemos sempre um esforço de colocar numa determinada ordem o imenso acúmulo de materiais que colecionava.

A obra que, para ele, foi criada para reconstruir o mundo, tinha um sentido na sua totalidade. A mesma ocupou dez salas na Colônia Juliano Moreira e foi organizada segundo a lógica do seu criador. Mas, por necessidade de seleção de peças e transporte para exposições, a mesma fragmentou-se e foi estruturada conforme os parâmetros das instituições que legitimam a arte. Essa fragmentação, por hora, desmonta a grande criação, mas garante a sua continuidade, embora aos pedaços, visto que a levam para várias partes do mundo, as expondo em museus e galerias.

O micromundo de Bispo partiu-se, desorganizou-se, tal qual o mundo em que vivemos, dividido por guerras, catástrofes, discriminações sociais e econômicas. Em um sentido contrário, busco unir, por palavras bordadas de diferentes pessoas, estes fragmentos íntimos, estas sensações e olhares, em uma colcha. A intenção é que esta ação colaborativa e artesanal possa ser pensada pela transgressão, no

momento em que tomar o espaço, como uma peça única e inacabada, justamente por dar a ver o artesanato agora como arte, por meio de uma intervenção que dialoga com a arquitetura do Centro de Artes.

Tudo isso só é possível de ser pensado pelo movimento que eu gerei a partir de uma atmosfera relacional e deslocada dos fazeres comuns da casa ou dos cursos em entidades. Representa minha tentativa de reunir um micromundo em que a arte, o artesanato e as reflexões teóricas se unissem em um só tecido, em uma só voz, pela tônica da palavra.

É preciso serenar e rever as amarras sociais que nos tornam prisioneiros de nós mesmos. Muitas pessoas que participaram da pesquisa, também buscaram, nas atividades manuais e artesanais, soluções e amparo para seus problemas emocionais. Uma participante cita que ficou no dilema entre o envolvimento em práticas artesanais ou tomar antidepressivo.

A palavra **TERAPIA** foi bordada por três pessoas, evidenciando que o fazer pode ser um tratamento para os sofrimentos emocionais. Outra palavra que remete ao fazer como conforto para os tormentos da existência é **DESLIGAR** que, segundo a participante: “desliga do mundo e mergulha profundo no ato de criar”.

O envolvimento com o fazer artesanal ou artístico pode ser um alívio para momentos de tristezas e amarguras pelos quais a pessoa possa estar passando. O fazer despertou sentimentos profundamente positivos em muitas pessoas que participaram da pesquisa. Elas bordaram as palavras **ALEGRIA, AMOR, CUIDADO, DOAÇÃO, EMOÇÃO, ESTÍMULO, ÊXTASE, PRAZER e PAIXÃO**.

Imagino a arte como um meio libertador e restaurador do equilíbrio de si, promovendo uma rica e criativa interação social, tornando a vida uma aventura na construção da felicidade: a arte como alavanca para promover a saúde. Como Arthur Bispo do Rosário, que nos deixou um mundo em esculturas, miniaturas, vitrines e bordados, nós também podemos inventar um mundo onde a criatividade nos dará o parâmetro, no qual o céu é o limite.



Figura 19: *Quadrados Bordados*, 2014. Tecidos e linhas. 40x40cm cada. Foto: Juliano Petitot.

3.2. A colcha de retalhos pronuncia a palavra dos sujeitos da pesquisa

Neste capítulo, procuro descrever os acontecimentos que envolveram a costura da colcha de retalhos e fazer uma reflexão acerca das palavras bordadas. Reconhecendo que, para fazer uma análise minuciosa de cada palavra, eu teria que empreender amplos estudos nas áreas da sociologia, antropologia, ciência política, optei por me ater a uma simples reflexão para costurar os diversos sentidos que apareceram no bordado.

Para proceder à costura da colcha, os amigos foram convocados pelo *Facebook* por meio do evento: Costurando a colcha de palavras. O evento aconteceu no terceiro piso do Centro de Artes, nos dias 21 e 22 de maio de 2014, das 14 às 21 horas.



Figura 20: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.*
Foto: Juliano Petitot.

Quando chegaram as primeiras cinco pessoas, iniciamos o processo de planejamento da costura. Tínhamos uma cesta, contendo cinquenta e seis quadrados e retângulos com palavras bordadas. Para realizar as emendas, precisávamos definir critérios, quanto à ordem das palavras, as cores das linhas, dos tecidos, quais os pontos a empregar e a forma de costurar.



Figura 21: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.*
Foto: Juliano Petitot.



Figura 22: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.*
Foto: Juliano Petitot.



Figura 23: *Evento Costurando a Colcha de Palavras, 2014. Centro de Artes.*
Foto: Juliano Petitot.

Alguém alertou que as solicitações para bordar não foram entregues em ordem alfabética, mas de forma aleatória, conforme aconteceram os encontros nas exposições, nos cursos e em ateliers. Portanto, a costura não necessitava ser alinhada em ordem alfabética. Ficou decidido que cada participante escolheria de forma espontânea três tecidos (palavras) e emendaria um ao lado do outro. Quanto ao ponto a ser empregado um participante sugeriu: “Cada um inventa seu ponto”. E quanto a cor da linha, ficou estabelecido que cada um escolheria a sua, de acordo com seu gosto. Para sistematizar a montagem da colcha, optamos por fazer em módulos, ao estilo *patchwork*. Partindo de partes menores, até chegar ao final, numa grande colcha de palavras.



Figura 24: A Colcha Bordada, 2014. Centro de Artes.
Foto:Juliano Petitot.

Após costurar os blocos de três partes, fomos os unindo em blocos de seis e de nove quadrados. Posteriormente, em blocos de dezoito, até unir as grandes partes na montagem final.

Então pensei em observar a grande colcha e dialogar com ela, por intermédio da análise das palavras bordadas por cada amigo. Atribuir sentido às palavras

alheias pode constituir-se numa armadilha, pois poderemos apreender um significado completamente distinto daquele pretendido por quem a pronunciou. Para tentar evitar esse problema, solicitei aos participantes uma frase sobre sua palavra para auxiliar na compreensão do seu significado.

Porém, ao consultar o material de anotações e registros, percebi que um grupo de pessoas não tinha enviado a frase. Verifiquei na internet que tinha solicitado a frase mais de uma vez e a pessoa ficava de enviar, mas depois esquecia.

Entendi que esse esquecimento ou despreocupação sobre a frase era um sintoma que nem sempre as pessoas se dispõem a explicitar verbalmente o que fazem. Sennett diz que “fazer é pensar”, no entanto, a pessoa pode não estar disposta a elaborar um discurso sobre aquilo que fez. Naturalmente que, para realizar a tarefa de bordar o tecido, ela pensou na palavra e planejou quais materiais utilizaria para sua realização. Ela pensou para fazer o bordado, todavia, apesar disso, pode não achar sentido em ter que explicar o que fez.

Observando a colcha, percebo que a palavra **VIDA** foi bordada quatro vezes, o que nos indica uma pista para pensar sobre a força desta expressão. **VIDA**, que nos é dada ao nascimento e que evolui no tempo até nosso fim: a morte. É com essa vida que vamos construir nossa subjetividade e agir no mundo. Parece pouco, mas já é uma tarefa grandiosa. O que fazemos com nossa vida é que determinará que tipo de pessoa seremos. E é nessa perspectiva que situamos a vida de cada participante, a mover-se conforme suas crenças, convicções e objetivos. Todos se dispuseram a doar um tempo de sua vida para bordar a palavra e costurar a colcha. Considerando a discrepância de idade dos participantes, podemos deduzir que o tempo de vida de cada um é bem diferente.

Rubem Alves também se preocupou com o tempo de vida quando decidiu escrever um livro para **COMPARTILHAR** com os amigos seus pensamentos e pequenas sabedorias que havia acumulado ao longo da existência:

E agora, que estou livre de todas as obrigações oficiais, sinto-me atraído pela ideia de usar meu tempo e bom humor para, num desses dias, escrever um livro – ou antes, um livrinho, uma coisinha para os amigos e aqueles que partilham dos meus pontos de vista. O assunto não terá a menor importância. Será apenas um pretexto para que eu me isole a fim de gozar a felicidade de ter tempo de lazer. O importante mesmo será o tom, que deverá estar entre o solene e o íntimo, entre o sério e o brincado, um

uma colcha de palavras. A importância toda não está na colcha, mas nos momentos que nos reunimos para sua confecção. A relação foi o elemento que possibilitou celebrar os pequenos e significativos acontecimentos que permitiram a realização do nosso projeto.

Uma participante relatou que estava com pouco tempo para ir ao evento da colcha de palavras e a filha sugeriu: “Deixa isso (uma atividade) para outro dia e vai lá e passa a tarde bordando. Se não tu não te diverte”. Para divertir-se era preciso mais tempo. Demorar. Wilson Kindlein Júnior escreveu um belo e pungente texto sobre o mundo da aceleração:

Vidas fragmentadas, fracionadas, espatifadas, quebradas pela lógica da aceleração com o consequente aumento da velocidade e da falta de tempo. A aceleração é um Tsunami que carrega consigo tudo o que encontra pela frente, deixando em seu rastro restos que o vácuo (o vazio) não sugou com toda a sua força. Desacelerar é uma resistência ao movimento desordenado, ultrajante e alienante que o processo de industrialização em massa gera no humano. Perdemos a contemplação do espaço, pois o percorremos em menor tempo (KINDLEIN JÚNIOR, 2010, p.3).

Quando nos desapegamos da defesa intransigente das **IDEOLOGIAS**, que nos roubam as forças, abdicamos do combate e nos acalmamos. É desnecessário duelar para provar que o outro está errado e o melhor é seguir seu caminho, no entanto, reunir os amigos nessa caminhada é e mais divertido e edificante. Na serenidade, podemos desfrutar de momentos de **PRAZER, ALEGRIA, ÊXTASE, PAIXÃO e PAZ.**

Cada participante deste trabalho está em uma etapa diferente de sua vida, com objetivos e planos distintos. Uns estudam, outros trabalham e vários estão aposentados.

Os estudantes estão aprendendo para ter uma profissão e futuramente trabalhar, os que trabalham precisam cumprir uma etapa produtiva, e os aposentados dispõem de tempo livre. O trabalho, em diversas circunstâncias, é uma verdadeira camisa de força que usurpa as energias dos trabalhadores, deixando-os desmotivados para buscar atividades de lazer. Então os trabalhadores sonham com o dia da aposentadoria. Alguns trabalhos, no entanto, não são apenas fonte de sofrimento, mas proporcionam muitas realizações e alegrias no seu desempenho. O bom trabalho deveria confundir-se com o lazer.

Nas palavras de Nicolas Bourriaud:

Muitas pessoas definem a arte por oposição ao trabalho, demonstrando assim a pífia opinião que têm tanto de uma como de outro. Pouco lhes importa que as condições concretas de trabalho se mostrem duras, alienantes, desumanas, pois o campo da Criação seria milagrosamente isento e alheado dos outros campos de atividade. Existe, de fato, uma diferença fundamental entre o “ofício” do artista e os demais ofícios, diferença esta que reside na natureza dos gestos realizados: enquanto a profissão de padeiro, piloto de avião, operário metalúrgico ou do redator de publicidade requer o aprendizado e o emprego de gestos previamente definidos, o artista moderno deve ele próprio inventar a sucessão de posturas e gestos que lhe permitirão produzir. (BOURRIAUD, 2011, p.11).

O encantamento que a arte provoca nas pessoas talvez seja fruto do entendimento de que o ato de criar é extremamente gratificante. Entre um trabalho mecanicista e repetitivo e outro criativo e imaginativo há uma grande diferença. Não quer dizer que trabalhar com a criação seja fácil, mas é mais provocante que ocupar-se de atividades repetitivas e rotineiras.

Nas relações capitalistas, o trabalho é estruturado de forma rígida, com cumprimento de horários exaustivos e desempenho de tarefas repetitivas, o que o torna um fardo pesado para carregar. O bom trabalho, para mim, deve ser gratificante ou representar um **ESTÍMULO** para seguir em frente, nas palavras de uma participante.

A **CRIATIVIDADE** permite o desenvolvimento de uma profunda conexão com o ambiente natural e social. Essa relação se efetiva por meio da imaginação e invenção, aspectos totalmente negados num trabalho mecanicista e repetitivo.

Observando a colcha de palavras, percebemos que as pessoas atribuíram características altamente positivas acerca do sentido de fazer arte ou artesanato. Há uma multiplicidade de palavras que evidenciam o caráter positivo do ato de fazer, tais como: **AMOR, DÁDIVA, ALEGRIA, PAIXÃO, PAZ, PRAZER, UNIÃO e VIDA**. De uma maneira velada, ocultam-se seus opostos, mostrando o quanto vivemos em conflito entre tristeza e alegria, egoísmo e dádiva.

Não querendo estabelecer uma relação maniqueísta entre as palavras, mas sem ignorar seus antagonismos, percebemos o quanto vivemos em conflito. Não desconsiderando o caráter polêmico das palavras, tentamos alinhar um sentido amplo que se concretizou com a costura coletiva da colcha. Palavras que se põem como enigmas, esperando uma decifração: **ESPERA, ENCLAVE, TRANSCENDER,**

PALAVRA NÃO VERBAL, TUDO, VOLARE. Penso que há palavras duras e macias. Nas palavras duras, nossos pensamentos batem e escorregam. As palavras duras são autoritárias, elas se definem de forma rígida e imutável, na sua arrogância, fecham as possibilidades de sentidos.



Figura 26: Detalhe da Colha de Palavras, 2014. Foto: Dalva Lopes

No entanto, para mim, as palavras macias são acolhedoras, nos deixam brincar com seus sentidos. As palavras macias são lúdicas, transitam no espaço e no tempo, sendo afetadas pelas ações do mundo. Na palavra de cada participante, podemos ver um campo infinito de sentidos, pois, nem as palavras duras estão a salvo dos ataques da desconstrução.

As palavras da colcha são fluxos que dialogam com muitos significados. No entendimento de Mariane: **VOLARE** significa aconchego, transparência, leveza, fluidez. Palavras tem ritmo e, seguindo esse movimento, vamos deixá-las dançar com flexibilidade, ao gosto do observador. Palavras-esponja para absorver o sentido de cada indivíduo. Palavras que se abrem e não fecham. Palavras que espalham a fertilidade de tantas significações. Palavras-pensamento e palavras-ação. Essas palavras bordadas carregam muitos encontros, afetos e compartilhamentos. Palavras têm poder de mover o mundo. Talvez, por isso, a palavra seja negada ao

povo, por meio de uma educação de má qualidade. As autoridades, tão ciosas de suas vantagens no poder, não podem fornecer instrumentos que ameacem sua própria estabilidade. Palavras potentes são como flechas lançadas que quando atingem os alvos os estilhaçam ou ferem de morte. A negação da palavra é a astúcia dos poderosos.

Esta colcha alinhavada é como um mosaico no qual são costurados os sonhos, as alegrias, dores e saberes dos amigos. Cada fragmento é uma individualidade que se transforma num sonho coletivo realizado. Um sonho nutrido de trocas e colaborações. Trocas que se estabelecem em situações banais do convívio cotidiano. Ações que tecem uma grande teia onde circulam pessoas, projetos e relações. Teia que é uma frouxa trama, deixando frestas para novas tecelagens. Cada fio liga os participantes ao tecido complexo da participação e colaboração.

As palavras da colcha são um pretexto para estreitar as relações, acolher pessoas diferentes, criar e viver uma ruptura com o individualismo cotidiano. Palavra bordada em grupo ou na solidão, mas com o propósito de ser coletiva e com um forte elemento de *socialidade*.



Figura 27: Público Observando a Colcha de Palavras, 2014.
Centro de Artes. Foto: Juliano Petitot.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse trabalho mostrou que as pessoas vivem em tempos acelerados. Com uma demanda gigantesca de tarefas para cumprir, normalmente, sentem que o tempo é curto para dar conta de tantos afazeres. No entanto, um trabalho coletivo que não envolvia pagamento pelo material da coleta de dados (a palavra bordada), teve uma aceitação considerável. Quando o trabalho é entusiasmante, as pessoas procuram um tempo para dedicar-se a ele.

Muitas pessoas aceitaram participar do bordado como uma forma de retribuir outras doações feitas num passado bem remoto. As dádivas podem ocorrer nos hiatos de um tempo muito longo. Uma participante afirmou: “Não poderia deixar de participar de teu trabalho, pois é uma forma de retribuir tudo que aprendi contigo sobre alfabetização”.

Uma das consequências desse trabalho foi a aproximação de pessoas das mais diversas formações e profissões ao Centro de Artes. Formou-se um grupo heterogêneo para a troca de fazeres e saberes. Considerando a falta de tempo, a confecção da colcha de palavras foi uma DÁDIVA, um presente que ganhei de cada amigo. O trabalho coletivo e o projeto da colcha entusiasmaram as pessoas, o que as estimulou foi a convivência e a potência generalizada das trocas que se ramificam como raízes a articulam novas ações.

Nos grupos das igrejas e lojas de cursos, a participação de todos contou com muitas resistências. O que transparece no discurso das pessoas abordadas é a sensação de incapacidade em dar conta de um trabalho que tem sua ancoragem num espaço acadêmico. Quanto menos instrução formal, mais resistência. Quanto mais a formação avança, mais as pessoas se permitem abertura para experimentar outros saberes.

Nas palavras bordadas há uma indicação bem clara sobre os aspectos positivos do fazer. Tal fato torna-se mais potente e significativo quando realizado coletivamente. Os encontros tornam-se momentos de compartilhamentos de afetos e saberes, o que assegura um intenso engajamento e compromisso de efetivar o projeto.

Essas vivências ocorrem num âmbito pequeno, não tendo intenções de promover grandes transformações sociais. No entanto, enriquecem o cotidiano, tornando o momento presente em um tempo de trocas simbólicas das mais variadas e enriquecedoras.

Retomando a ideia de Richard Sennett, que “fazer é pensar”, entendemos que a criatividade e a imaginação estão em plena atividade na escolha da palavra, dos materiais e da forma de realizar a atividade, uma vez que o fazer e o pensar estão sempre em conexão. O fazer se manifesta no ritmo da agulha furando o tecido, dando forma a um ponto, num movimento repetitivo que distrai. É uma pausa no corre-corre da vida contemporânea. Também é o resgate de um gesto ancestral, que traz consigo todo um simbolismo de um tempo vivido. Algumas participantes consideram a prática artesanal uma **TERAPIA**.

Deslocar a atitude do comprar para o fazer é um ato revolucionário, pois, numa sociedade consumista, as relações são estabelecidas com ênfase na acumulação de bens e materiais que, para serem adquiridos, é necessário ter um retângulo de papel mágico, chamado dinheiro. Para desgastar essa estrutura exploradora é preferível lixar que dinamitar. É praticando a resistência que se cria **ENCLAVES** de experimentações mais humanas, nas quais a exploração é substituída por trocas mais generosas. Nas palavras de Michel Maffesoli, é uma celebração do ideal comunitário que está ancorado no presente, vivendo da melhor forma possível o “aqui e agora”.

O convite para bordar a colcha foi um pretexto para aprofundar os conhecimentos sobre arte, reunir os amigos e viver momentos de muita **EMOÇÃO**. No percurso desse trabalho, me deparei com a questão da palavra. Entre tantos temas e formas de pesquisar a arte, por que haveria de escolher justo a palavra como elemento principal? Assim, compreendi que a palavra me acompanha desde pequena, de quando lutei para ir para a escola e quando aceitei a profissão de alfabetizadora.

As palavras me acompanharam durante esses longos anos de experiência como alfabetizadora. Ao ensinar as crianças, a leitura das palavras, também eu me alfabetizava na compreensão do mundo. E as palavras, novamente, continuam a me acompanhar, nessa extraordinária aventura da leitura da arte.

REFERÊNCIAS

ADES, Dawn. **A arte na América Latina**. São Paulo: Cosac Naify, 1987.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Variações sobre o prazer**: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ARAUJO, Emanuel. **Arthur Bispo do Rosário**. Rio de Janeiro: Réptil, 2012.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação** - Nº 19. Campinas: ANPEd, 2002.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Pós-Produção**: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Formas de vida**: A arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Radicante**: Por uma estética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2000.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional Brasileira**. Colocando Dobradiças na Arte Contemporânea in S/N, p. 121-131, São Paulo: Lemos, 2ª Ed., 2002.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DANTAS, Marta. **Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio**. São Paulo: UNESP, 2009.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos Sentidos: a educação do sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. **Por que arte-educação?**. Campinas: Papirus, 1983.

_____. **A política da loucura: a antipsiquiatria**. Campinas: Papirus, 1986.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. As artes de Arthur Bispo do Rosário. In: Revista Mente e Cérebro.
Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/as_artes_de_arthur_bispo_do_rosario.html>. Acesso em: 25 fev. 2013.

KINDLEIN JÚNIOR, Wilson. **Sustentabilidade da Natureza e da Natureza das Relações Humanas**. Semana do Meio Ambiente – Nova Acrópole. 2010. (Seminário).

KUBRUSLY, Maria Emília & IMBROISI, Renato. **Desenho de fibras: artesanato têxtil no Brasil**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAZARO, Wilson; SEVERO, Helena. **Arthur Bispo do Rosário: a poesia do fio**. Porto Alegre: Santander Cultural, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução** à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1992.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1983.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PERES-ORAMAS, Luis. In: LAZARO, Wilson. **Arthur Bispo do Rosário - SéculoXX**. Rio de Janeiro: Réptil, 2012.

PUIG, Josep Maria; TRILLA, Jaume. **A pedagogia do ócio**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REYES, Maria de Lourdes Valente. **Design e comunicação: os objetos como forma de religação social**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

SENNET, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Jorge Anthonio e. **Arthur Bispo do Rosário: arte e loucura**. São Paulo: Quaisquer, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANEXOS

LISTA DE PALAVRAS

ALEGRIA – Lia

AMOR – Maria Antonieta dal Ignea

AMOR – Taísa: Amar a vida, a arte, o ser humano. Pra mim, o amor é tudo.

APRENDER – Beatriz Faes- Então Dalva, não sei se vou conseguir formular uma frase sucinta tal qual o esperado, mas aqui vai: Ao bordar (tentar bordar hahah) APRENDER, eu pensei no que a arte tem sido pra mim nos últimos tempos, inclusive bordar essa palavra foi uma forma de sair dos meus limites e aprender algo novo. A arte e o artesanato se encaixam bem no verbo "aprender", pra mim, pois são desafiadoras, nos ensinam a nos conhecer e a conhecer novas técnicas, a ter paciência, a não desistir, a tentar de novo, a pesquisar, a ver por outras perspectivas, dentre outras coisas e, por isso, eu achei que essa palavrinha resumiria bem o sentido de fazer arte.

AR, LUZ, ÁGUA, SOL – Mirta: A arte pode estar em tudo que fazemos. Até no fazer uma salada podemos organizar para ficar bonita.

BEM-QUERER – Noeli Pinto: Escolhi porque é uma palavra bonita e do nosso cancionário. É uma proposta amorosa para nossas relações. Precisamos superar o egoísmo e desenvolver a generosidade.

COMPAIXÃO – Bruna Britto: A compaixão para mim é o sentimento que me faz acreditar que somos todos merecedores de felicidade; e ela faz eu me sentir melhor e com força interior. Acho que simplesmente é isso...

COMPARTILHAR - Sonia Gamino: Compartilhar é repartir com o outro o que temos de melhor, é dar de si para o bem do outro.

CONVIVER – Claudeti: Porque eu acho que o importante deste trabalho é o convívio.

CORPO – Rossana Viegas

CRIAÇÃO – Marlene Panazzollo: Arte é criar e agir = ação = fazer. Tudo o que criamos é arte.

CRIAR – Dalva Lopes: Criar é viver em movimento, dando forma e conteúdo a tudo que encontramos.

CRIAR – Letícia Beck Fonseca

CRIAR – Lilia Costa

CUIDADO – Ana Paula

DÁDIVA – Silvia Monquelat: Deus me deu a DÁDIVA de ser arteira e me realizar como pessoa através das doações.

DESLIGAR – Ursula Rosa: Desliga do mundo e mergulha profundo no ato de criar.

DESMANCHAR – Angela Monsam Rodhegueiro:

Algumas palavras têm grande significado e sentido em nossas vidas e é por esse motivo que a minha palavra é Desmanchar. Esta tem influência direta com minha poética, tanto que está no título do meu TCC.

DISTRAÇÃO – Odete: A arte para mim é uma distração. E também é uma criatividade.

DISTRAÇÃO – Rose Mery Amaral

DISTRAÇÃO – Shirlei: Eu me distraio fazendo os trabalhos. Gosto de fazer para doar.

DOAÇÃO – Eunice: Doação é vida.

EMOÇÃO – Áurea

ENCLAVE – Cristiano Araújo: Um lugar que contém um lugar. Esse lugar de dentro se basta. O lugar de fora envolve, mas nem sempre se envolve.

ESPERA – Priscilla Oliveira: Entre o tempo e a espera há o acolhimento que nada mais é que um portal de experiências.

ESTÍMULO – Lia Suzana Vergara: Estímulo é para seguir em frente, sempre.

EXPERIÊNCIA – Mariana Faes

ÊXTASE – Maria Lucy: Êxtase, o encontro com o sensível; encanto; assombro.

FÉ – Iolanda: Fé, pra mim, é tudo.

IDEOLOGIA – Graça Antunes: Ideologia- Como ideário que expressa a visão do mundo a que pertencço e que define minha relação com tudo que me envolve.

INTEGRAÇÕES – Carla Borin

INTERCAMBIO – Maria Funari: Intercâmbio é troca de energias.

LAZER – Rosani Valadão: Eu trabalho. Chego em casa cansada e essa é uma maneira de me distrair.

LIBERDADE – Angela Bruno: Aprender a costurar, ter minha profissão para trabalhar representou minha liberdade.

LIBERDADE – Maria Inês: Vai aqui um pequeno texto. Espero que possa te ajudar de alguma maneira. Liberdade é um conceito utópico, pois, embora ela signifique o direito de agirmos segundo nosso livre arbítrio, somos limitados por leis, pela ética, pelos direitos dos outros. No entanto, é na arte que eu encontro o espaço para exercer a tão sonhada liberdade. É na arte que eu me liberto das amarras; Expresso o que vai dentro de mim de forma pura. E, por ser de forma pura, não cabe nela ofensas a ninguém, infração a princípios éticos e legais ou invasão aos direitos dos meus semelhantes. Mesmo que, por ventura (ou desventura), ninguém entenda a minha arte, quando pinto um quadro, por exemplo, eu tive a liberdade de ser quem sou e de colocar nesta obra a minha essência. Boa sorte no teu trabalho.

LIBERDADE – Taciane Souza: LIBERDADE é deixar a mente criar, e deixar ela guiar o resultado final da obra...quase sempre algo inesperado.

PAIXÃO – Cleonice

PAIXÃO – Mônica Cruz: Aprender a fazer objetos artesanais sempre foi minha paixão.

PALAVRA NÃO VERBAL – Cintia Farina. “Palavra não verbal” com relação à arte se refere à expressão da experiência para além do dito, do verbo, do explicativo. Algo que conecta potência, inventividade, cotidiano e vida.

PARIR – Deise Goularte: Do barro a forma, até parir a criação de meus filhos.

PAZ – Aidroilda: Eu fico em paz aqui. Posso estar com um problema, mas entro aqui (Atelier de Cerâmica) e fico em paz.

PRAZER – Indaiara Freitas: Bem, quando usei essa palavra foi pensando na felicidade que sinto quando ensino a minhas alunas tudo que sei, me dedicando, e ajudando com que o trabalho delas fique lindo e algumas chegam dizendo: - Não vou conseguir, é difícil, e aí o prazer é maior pra mostrar que elas são capazes. Depois, quando conseguem o objetivo, vejo a felicidade e o orgulho delas em ter um produto feito somente com a própria dedicação. Esse é um prazer, tenho mais dois: O meu próprio trabalho de produzir e criar me dá prazer e a satisfação que minhas/meus clientes sentem quando recebem o produto encomendado também me deixa prazerosa, de feliz de produzir.

PRAZER – Paloma de Leon: Feliz é aquele que trabalha com o que gosta e sente o PRAZER no que faz (produz).

PRAZER – Sueli da Silva: É um prazer criar, aprender e ensinar para minhas alunas.

REALIZAÇÃO – Helena Badia: Escolher uma palavra para sintetizar o que a arte representa em minha vida é estar definindo um sentimento forte perante uma obra terminada. Não por ser apenas isto: uma obra acabada, mas por estar agregando um sentimento forte de plenitude. Fazer algo que me preenche, que me trás um sentimento forte de ter chegado além de minhas próprias expectativas e a emoção absoluta de estar realizada comigo mesma e com minha capacidade de expressão e criação. Ver o trabalho concluído e me encher de orgulho por ter saído de mim, quase como parir um filho! Exagero? Não, orgulho mesmo!

RESISTÊNCIA/ SENTIDO - Helene Sacco: A arte, a meu ver, é uma forma de resistência no mundo, já que é através dela que construímos sentido. Usei duas palavras, pois compreendo cada quadrado de tecido como um objeto que tece a tua grande colcha de palavras e esse tecido tem dois lados diferentes, por isso me veio a ideia de fazer dos dois lados, entendendo sentido e resistência como palavras inseparáveis. É isso, se precisar grita.

SENTIDO - Helene Sacco: Sentido - Vejo a arte como construção de sentido.

TERAPIA – Fabiana Moraes: Antidepressivo ou artesanato? Claro, artesanato.

TERAPIA – Rosa Moraes

TERAPIA – Taíse: Quando tu me pediste para definir artesanato em uma palavra, pensei em várias, com tantos significados. Mas o que me motivou pela escolha Terapia foi a sensação que eu sinto quando faço uma atividade como essa que envolve a criatividade. Porque me esqueço dos problemas, frustrações e qualquer outra chateação do dia a dia. Sendo assim, não preciso de remédios, psicólogos, calmantes e essas coisas todas.

TRANSCENDER – Yaag: Transcender é uma característica que o pesquisador em arte deve ter. Pois, a partir do momento que ele tiver medo de transcender algum limite, se torna um ciência exata, e a magia da arte está justamente em fazermos muros desaparecerem.

TRANSFORMAÇÃO – Brígida: A minha vida estava bege, meio sem graça, então aprendi o *patchwork*, passei a ensinar e o convívio com as alunas tornou minha vida colorida, alegre. Passei por uma transformação.

TUDO – Juliano Petitot: Em relação à palavra tudo que bordei, para mim a Arte representa "tudo". Ela

está presente em tudo, em todas as coisas, desde o que comemos, olhamos, tocamos, etc. E também significa tudo para mim, para minha vida. Acho que é mais ou menos isso.

UNIÃO – Nauri Saccol

VERDADE – Alexandra Assumpção

VIDA – Luze Enilda: Considero o artesanato uma forma de arte e a vida sem arte não pode ser chamada de vida.

VIDA – Leni Demari

VIDA – Maria Clara Leiria: Vida é fluxo, tal qual o tempo.

VIDA – Marta Dutra: Neste meu bordado, trago a palavra vida como fonte essencial para o trabalho, pois arte é vida. Com a arte, o ser humano desenvolve inúmeras habilidades, abrangendo o pensamento e despertando a criatividade e a imaginação do humano. Em relação com a palavra VIDA, que bordei, aparece também a pipa em formato de coração; pois bem, a ARTE te dá força para que tu possas voar e fazer o que gosta de coração. Em relação à cauda da pipa, saindo do quadradinho, é porque ela não se limita... vai além.

VOLARE – Mariane D'ávila: VOLARE. Aconchego, transparência, leveza, fluidez!

